

## Élisée Reclus e os Estados Unidos

Gênese de uma geografia

*Élisée Reclus et les États-Unis: Genèse d'une géographie*

**Ronald Creagh**

Tradutor: Roberta Ceva

---



**Edição electrónica**

URL: <http://terrabrasilis.revues.org/1795>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1795

ISSN: 2316-7793

**Editora:**

Laboratório de Geografia Política -  
Universidade de São Paulo, Rede Brasileira  
de História da Geografia e Geografia  
Histórica

**Referência eletrônica**

Ronald Creagh, « Élisée Reclus e os Estados Unidos », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 7 | 2016, posto online no dia 09 Dezembro 2016, consultado o 02 Fevereiro 2017. URL : <http://terrabrasilis.revues.org/1795> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.1795

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 2 Fevereiro 2017.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# Élisée Reclus e os Estados Unidos

Gênese de uma geografia

*Élisée Reclus et les États-Unis: Genèse d'une géographie*

**Ronald Creagh**

Tradução : Roberta Ceva

---

Dedico este artigo a Alex Galizzi que, nos anos 80, pelos grandes caminhos da Internet, me apresentou a Jean-Marc Bonnard, Claude Delattre e Pierre Sommermeyer, que me permitem continuar a borboletear.

*Este texto não existiria sem os comentários, conselhos e incentivos de John Clark, Guy Dumons, René Fugler, Didier et Marielle Giraud. Os eventuais erros são de minha inteira responsabilidade. Sou igualmente grato a Marceau Giraud por me ter possibilitado o acesso aos artigos de Reclus “De Bordeaux à Cette”, publicados no Journal pour tous, e a David Alejandro Ramírez, que me facilitou os indispensáveis artigos do mesmo autor publicados em L’Union. Meu agradecimento também a Gary Dunbar, que muito estimulou minha pesquisa sobre a vida de Reclus em Nova Orleães.*

Eu não vivi somente no passado da história; célula infinitesimal, eu também tremi da grande vibração de vida que anima atualmente toda a humanidade, o grande corpo da Terra.

Élisée Reclus, *Correspondência*, t.III, p. 309

A geografia, tomada em seu sentido estrito e feita de modo exclusivo, é dos estudos mais perigosos. Aliás, qual é a ciência que não definha, se engessa, se priva de toda seiva, se reduz a nada, quando estudada isoladamente, sem grandeza de espírito, sem concepções amplas? Todo saber humano deve ter sua parcela de humanidade.

Élisée Reclus, *Lição de abertura sobre geografia comparada no espaço e no tempo*, 1894.

## Introdução

- 1 Em 1852, no porto de Liverpool, o “John Howell” partia para Nova Orleães. A bordo, o jovem Élisée Reclus como auxiliar de cozinha. Aos 22 anos, ele fora expatriado da França devido à sua oposição ao golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, a partir do qual Louis-Napoléon Bonaparte se autoproclamaria imperador dos franceses no ano seguinte.
- 2 O barco à vela seguia seu percurso em direção à Louisiana, onde Reclus viveu por mais de dois anos. Durante as férias, ele subiu o Mississipi até o Canadá. Descreveu, em seguida, esta viagem transtlântica em termos tão sugestivos de suas emoções mais íntimas quanto reveladores de suas futuras posições de geógrafo.<sup>1</sup>
- 3 Sua estadia em Nova Orleans e na *plantation* sulista lhe proporcionou mais tarde a ocasião de redigir artigos na importante *Revue des Deux-Mondes*. Ele também comentou a Guerra de Secessão, como o fizera igualmente Karl Marx, mas com a vantagem de ter vivido nos Estados Unidos.<sup>2</sup> Sua importante análise, comparada àquela do filósofo alemão, revela ângulos de abordagem bastante distintos e significativos.<sup>3</sup> Por fim, no período de maturidade, Reclus retornou à República americana para preparar o tomo 16 de sua obra monumental, a *Nouvelle Géographie Universelle*, dedicada a esta nação e publicada em 1892.<sup>4</sup> Durante toda a sua vida, os Estados Unidos ocuparam um lugar central em sua obra literária, jornalística e geográfica.
- 4 Observaremos aqui estes três olhares bastante distintos — o relato de viagem, o comentário político e o estudo geográfico. Para compreendê-los, esta introdução os apreenderá sob o foco da incontornável controvérsia suscitada por Reclus, *enfant terrible* da geografia.
- 5 Os primeiros escritos de Élisée Reclus surgiram em um momento em que, na França, a geografia ainda não fazia parte da «instituição». Sua qualidade literária indiscutível, o fato de destinar-se ao grande público e, em seguida, o conjunto de sua obra — cerca de 25 mil páginas, segundo o professor Georges Roques — foram recebidos de modos contrastantes. Pode-se ver aí a ilustração eloquente da dialética de um geógrafo com sua profissão, seu público e as ideias de sua época.<sup>5</sup>
- 6 Muito apreciada na Grã Bretanha, muita lida em seu país de origem e na Espanha, traduzida em mais de vinte línguas, Reclus foi banido pelo Estado francês e menosprezado pelas principais cabeças da Escola Francesa de Geografia. É verdade que esta afirmação merece ser nuançada e, como o mostrou Philippe Pelletier, alguns o apreciaram em um primeiro momento, e a rejeição se deu sem que o autor fosse aniquilado.<sup>6</sup> Sua obra foi tratada como cientificamente ultrapassada sendo, muito rapidamente, propositalmente ignorada. Fora da instituição universitária, no seio do movimento social, Karl Marx e os marxistas não esconderam seu desprezo.<sup>7</sup> Quais foram, então, as posições do autor da *Nouvelle Géographie Universelle* que explicariam o seu longo isolamento de uma tradição que se pretendia homogênea? E por que a oposição é, ao mesmo tempo, política, científica e, acrescentemos, profissional?
- 7 A obra geográfica de Reclus é mais complexa do que parece porque ele se diz “anarquista antes de tudo” e seu engajamento político foi muito conhecido. De fato, Reclus ultrapassa esta questão: ele aborda absolutamente tudo em sua obra, pois recusa as fronteiras e as nações, acredita na unidade da humanidade e prefere transmitir a densidade das relações sociais e das relações humanas com a Terra do que reduzir a vida ao esqueleto de mapas

abstratos e de quadros estatísticos. A geografia reclusiana não tem por objetivo fornecer mapas do Estado maior para as guerras futuras, nem inculcar o patriotismo.

- 8 Ora, o espelho deformador da imprensa, a emoção causada pelos “atentados”, a criminologia “científica” de um Lombroso não facilitavam em nada a análise. Esta última suscitou paixões até mesmo nos Estados Unidos, onde um jornal chegou ao ponto de escrever: “Que pena que homens como Élisée Reclus não possam ser rapidamente fuzilados”.<sup>8</sup> Na França, de qualquer modo, as edições Hachette seguiram de perto os escritos do autor para evitar que seus julgamentos sobre questões públicas fossem expostos em suas publicações.
- 9 As posições de Reclus incomodavam o jacobinismo da l’Ecole Normale Supérieure daquela época e seus adversários só podiam recorrer a uma crítica atenuada. Não se queria uma geografia política e apreciava-se menos ainda que ela fosse tratada por um dissidente. Sem dizê-lo ou ao contrário, afirmando-o, as ideias anarquistas eram rejeitadas. Mas denunciar suas ideias políticas significava abandonar o objetivo essencial da profissão, o de ser reconhecido como cientista, de discurso neutro e respeitoso em relação ao “dever de objetividade”. Para além disso, naquela época não havia condições de se apreender a inspiração anarquista desta geografia; não havia sutileza quando se tratava de falar desta corrente. E por que ele escrevia tão bem, os profissionais de sua disciplina aconselhavam o leitor a situá-lo antes no campo da literatura.
- 10 Foi assim que o patriota Vidal de la Blache, na época, uma figura essencial da geografia na França, apresentou seu julgamento sobre Reclus como uma evidência, já que dispensava qualquer argumentação.
- 11 Se a escola francesa não desejava misturar geografia e política, sua geografia era, de fato, política. Indubitavelmente, quando Reclus escrevia, nos anos 1860, a disciplina ainda não existia no país. As escolas secundárias somente passaram a ensinar geografia a partir de 1872. A classe dirigente, traumatizada pela derrota da guerra contra a Prússia, estimava que ela se deveu à superioridade dos mapas alemães. O ensino da geografia ganharia, desse modo, contornos nacionalistas — aliás, os vários geógrafos se dividiram pelas escolas nacionais existentes. Por exemplo, a escola francesa em torno de Vidal de la Blache.<sup>9</sup>
- 12 Se a rejeição política aos escritos de Reclus é antes implícita, a oposição se mostra mais nítida quando se trata de sua ciência. Na França e na Grã Bretanha, os geógrafos do final do século XIX e início do século XX desejaram engajar-se em uma especialização do conhecimento, na linha das universidades alemãs. A abertura de suas universidades constituiu “o reflexo fiel da concepção de uma atividade profissional com limites bem definidos, com métodos distintos e saberes de especialistas ciosamente guardados, características da vida profissional”.<sup>10</sup> A época foi rica em avanços das ciências: teorias do calor, do gás, química moderna, darwinismo, antropologia e, assim por diante, mas os geógrafos desejavam isolar-se de todas estas correntes e construir sua própria frente de onde conduzir suas escaramuças contra toda heresia. Eles viviam em um universo newtoniano, um mundo dividido em domínios fundamentais que bastam ser adicionados para se fazer novamente a síntese. No interior destes domínios, leis são formuladas, previsões corretas são feitas, controlam-se os fenômenos. Trata-se de um universo mecanicista que, em geral, funciona segundo equações lineares — por exemplo, no estudo do crescimento de uma “cité” ou de uma vizinhança ou do aprendizado de conceitos.<sup>11</sup>

- 13 Mas o que seria então a neutralidade científica? Um estilo impessoal e neutro não é por esta razão desprovido de intenções subjetivas: ele visa apresentar o texto como uma obra científica, objetiva, e seu autor como imparcial; as observações impressionistas são sem dúvida apagadas, mas as ideologias estão sempre latentes. Um leitor atento sabe, por exemplo, que a observação geográfica pode minimizar o lugar das mulheres em uma dada sociedade, revelar as orientações marxistas ou liberais, e que a neutralidade da linguagem pode trair a função tecnocrática de uma instituição e sua ausência de compaixão.
- 14 Se se tratava realmente de ciência, esta última seria a alfa e ômega da geografia? Seria preciso rejeitar outras opções possíveis que estimulariam a subjetividade mais íntima e a abertura dos espíritos?
- 15 As escolhas anarquistas de Reclus interferiam sobre um ponto essencial: seu método. Se ele foi mais facilmente reconhecido fora da França, talvez tenha sido por que, neste país mais do que no exterior, as ciências humanas e a filosofia sofriam uma hostilidade quase visceral em relação a qualquer quadro explicativo que se apoiasse sobre as ciências da natureza. Reclus adotou uma perspectiva molar, que o levou a considerar os fatos naturais e os humanos como um todo.
- 16 Percorrendo o conjunto de seu trabalho, pode-se dizer que ele concebe o universo e a anarquia como tantas outras harmonias. O universo é “uma harmonia primeira”.<sup>12</sup> Esta última é modificada quando a “solidariedade da terra e do homem” ganha novos contornos, quando os povos aprendem a reagir “pela força da associação”.<sup>13</sup>
- 17 Para Reclus, de fato,  
 Não se trata de modo algum, aliás, de um paralelismo geométrico entre os fenômenos da natureza e os acontecimentos da história. A semelhança entre os horizontes e os fatos não é, de modo algum, absoluta como o seria a imagem de um objeto refletida em um espelho. Não, o acordo que se estabelece entre o globo e seus habitantes se compõe, ao mesmo tempo, de analogias e contrastes; como todas as harmonias de corpos organizados, ele provém tanto da luta quanto da união, e não pára de oscilar em torno de um centro de gravidade cambiante.<sup>14</sup>
- 18 Esta ideia de harmonia pode parecer excessivamente otimista, ela mascararia a concepção de que o mundo talvez seja tão somente caos. No entanto, pode-se supor que Reclus, que foi maçom durante um curto período, retomou seu sentido de busca por um equilíbrio.<sup>15</sup> A citação precedente deixa espaço ao conflito e fala de um centro de gravidade cambiante, o que remeteria portanto a uma situação de equilíbrio instável. Para nossos contemporâneos, mais do que um grande relato, é possível ver aí um quadro geral, aberto às teorias da complexidade: ele não menciona, por exemplo, “a força da associação”?<sup>16</sup> Ora, como observou Georges Roques, a redescoberta contemporânea de Reclus merece ser levada em conta na reflexão sobre os sistemas complexos:  
 Ele pode, assim, ser considerado como o precursor da reflexão sobre a dupla biostasia/rexistasia, sobre as teorias dissipativas, as bifurcações e a teoria das catástrofes.<sup>17</sup>
- 19 De fato, os critérios científicos usuais eram bastante presentes em sua obra: estabelecimento de tipologias, resumos de obras de estudiosos e, sobretudo, aplicação do método que ele apresentara na obra anteriormente publicada, *La Terre*. Notemos, em particular que, ao invés de uma ordem rigorosa que seria “completamente exterior”, ele escolhe explicar “o sentido íntimo relativo aos fenômenos da natureza e aos acontecimentos da história”.<sup>18</sup>

- 20 Os pesquisadores que ele inspira são pouco numerosos, ainda que sérios e com frequência brilhantes, mas outros trabalhos que o citam são ilustrativos de uma homenagem de circunstância ou a referência a um pai tutelar, ou mesmo a uma figura totêmica.<sup>19</sup>
- 21 O afastamento de Reclus foi portanto orientado por uma desconfiança política e uma abordagem científica diferente. É preciso acrescentar a estas uma terceira razão: a crítica de ordem científica permitia aos universitários selecionar seu público e formar, portanto, uma elite. Aqui também vemos uma geografia oficial orientada por convicções íntimas de ordem corporativa.
- 22 Ora, aquela época viu surgir uma onda de educação popular que poderia constituir uma concorrência, uma competição nas formas e também nos métodos:
- A prática da educação popular começa realmente com a abertura dos métodos “científicos” a um público de massa. Mas é de sua experiência pessoal que o profano tira seu desejo de formação. Para o profano, a análise e a compreensão científicas da experiência pessoal eram o antídoto à retórica dos religiosos e dos políticos e o começo da liberação individual e política. Além disso, esta corrente, ao contrário do positivismo, exaltava a visão global ou holística.<sup>20</sup>
- 23 É neste espírito que Reclus trabalha. Ele não escreve apenas para os estudiosos e as classes dominantes, mas também para o grande público. A primeira edição da *Nouvelle Géographie Universelle* não constitui a imponente coleção de volumes que vemos atualmente nas belas bibliotecas; trata-se de uma revista semanal, publicada por 17 anos ininterruptos. Pode-se dizer que esta publicação é um acontecimento social. Ela se dirige a um público amplo, na grande tradição inglesa de Adam Smith e Charles Darwin ou, mais recentemente, do historiador Eric J. Hobsbawn. Estes pensadores renomados e sem dúvida exigentes são frequentemente de leitura mais agradável que seus comentadores.<sup>21</sup>
- 24 A distância estilística de Reclus em relação aos geógrafos clássicos, com pouquíssimas exceções, deixa entrever a excitação de um descobridor.<sup>22</sup> Se a expressão alegórica não substituiu um raciocínio rigoroso, ela é uma “guloseima” para o aluno. Nosso explorador ataca a curiosidade do leitor ao indicar os locais onde a culinária é apreciada, as diferenças entre povos, regiões e climas. À frente de sua época, seu interesse pelas interações entre a natureza e o homem o conduz a introduzir na geografia um arrazoado sobre as migrações animais e vegetais próprias ao desenvolvimento do que se poderia chamar de sentimento ecológico. Atitude bem oposta àquela de seus predecessores, que só se interessavam pela fauna e flora americanas para introduzi-las em suas pátrias sempre que possível.
- 25 Ficaríamos tentados a associar este estilo de escrita ao romantismo, como aquele de tantos personagens que, por razões opostas, partiram para o exílio.<sup>23</sup> Seus relatos de viagem, nos quais a emoção e mesmo o lirismo transparecem, parecem conservar traços de romantismo: a intensidade apaixonada, a recusa de limites, a insatisfação com o presente, a meditação sobre a história e o espírito de revolta. É verdade: o jovem leu bastante, mesmo aquela literatura de capa e espada, personificada por Alexandre Dumas.
- <sup>24</sup>
- 26 Alguns traços recorrentes, talvez mesmo essenciais, que encontramos nos pré-românticos e seus sucessores desapareceram. Reclus adora viajar, mas ele não é um nostálgico do exterior. Ele se interessa por todos os povos, mas não é um cosmopolita, nem mesmo um internacionalista: ele se sente, em sua essência, uma criança da Terra. Ele se interessa pelas sociedades arcaicas, mas não partilha do mito de uma época primitiva e jovem. Em seu âmago, o respeito absoluto de sua consciência, traço característico que herdou do pai,

o preservou do nacionalismo mítico, e ele jamais rejeitou a análise intelectual e didática: seu texto nos traz os nomes técnicos de cada peixe por ele observado.<sup>25</sup>

- 27 Enfim, após sua ruptura com o pietismo, ele não experimentou qualquer melancolia religiosa, nem o gosto pelo lúgubre ou sepulcral. Esta fratura é profunda, ela ultrapassa até mesmo os séculos mais brilhantes da história da França, para além de um Pascal, que vê o mundo visível como uma pequena masmorra, para além de um Rousseau, que declara: “eu me sufoco no universo”. Reclus, ao contrário, identifica-se com este último:
- [...] eu fiz reviver a natureza a meu redor [...]. A gota de vapor que brilha um instante no espaço reflete sobre sua molécula quase imperceptível o universo que a rodeia de sua imensidão: é assim que procuro refletir sobre o mundo que me cerca.<sup>26</sup>
- 28 Os tempos presentes começaram a rever seu julgamento sobre Reclus, admirando a acuidade de seu olhar e a justeza de várias de suas projeções. Deve-se a Yves Lacoste o fato de ele ter sido enfim reconhecido por seus colegas franceses. Ele mostrou que sua “geograficidade” não correspondia às normas de sua época: ele associava o tempo ao espaço, misturando-os a considerações etnográficas; ele se preocupava até mesmo com a preservação da natureza, em uma época industrial e predadora, enebriada pela ideia do progresso. Georges Roques lembra que o americano Berkland viu em Reclus um precursor da deriva dos continentes; para o russo Anuchin, ele inventou o conceito de ambiente geográfico; Gary Dunbar fez dele um precursor da geografia social; o belga Nicolaï assinala em sua obra a paleogeomorfologia climática.
- 29 Em suma, se a geografia progrediu imensamente desde o século XIX, por que voltar ao passado, se certas conclusões são obsoletas? A estranha atualidade da qual ele se beneficia atualmente viria somente de seu caráter ilustrado? E aliás, qual peso é preciso conferir à cientificidade de uma obra geográfica? Se esta última deve ser reconhecida por seus pares, não seria condená-la à morte em um tempo em que as coerções ao conformismo são particularmente decisivas para a obtenção de um emprego ou de uma subvenção?
- 30 É preciso, portanto, ir mais longe. Procurar as competências que acendem o desejo de ser geógrafo, já que colocam em evidência uma perspectiva realmente singular. Buscar, por consequência, a escrita, as intenções que a animam e que ele esconde por pudor. Ressituar seus escritos nos diversos contextos da vida nos quais se exprimiram suas ideias.
- 31 Descobrimos assim que se Reclus é um dissidente e, portanto, um atípico. É preciso buscar em que consiste seu atipismo e, para dizer claramente, seu anarquismo. Pois este tipo de pensamento não deriva de uma doutrina uniforme, de pensadores reconhecidos por todos, como no caso do marxismo. Não podemos nos contentar em esconder por trás de Reclus as ideias de um ou outro de seus camaradas. Nem nos pouparamos em observar se ele conferiu um caráter revolucionário às suas publicações “profissionais”.
- 32 Qual seria, então, o anarquismo de Reclus, que irá orientar sua visão de geógrafo, o fascínio e o prazer do vivido, de um cosmos percebido como um corpo de puras intensidades? O *Fragment d'un voyage à La Nouvelle-Orléans* nos permitirá situar Reclus em certos quadros de pensamento da sua época. Suas análises sobre a Guerra de Secessão permitirão apreender suas diferenças em relação ao pensamento marxista. Seu tomo sobre os Estados Unidos nos revelará, por fim, seu extraordinário empreendimento para unir o pensamento anarquista a uma análise científica do país.

## I. Fragmento de uma viagem ou a transfiguração do universo

- 33 *Fragment d'un voyage à La Nouvelle-Orléans*, de 1855, é o relato, oito anos mais tarde, da viagem que Reclus empreendeu, aos 22 anos, de Liverpool aos Estados Unidos, de barco, o *John Howell*. Ele trabalhou como ajudante de cozinha para pagar a travessia, e podemos deduzir de seu relato que dormia no convés.
- 34 A expedição começou em 1852, e sua narrativa foi publicada em 1º de fevereiro de 1860. Trata-se de seu terceiro artigo sobre os Estados Unidos publicado na França, já que o precederam dois outros sobre o Mississipi, publicados na ilustre *Revue des Deux Mondes*.<sup>27</sup> Mas a redação do relato de viagem talvez seja anterior. Felizmente, ela figurará em uma nova revista, *Le Tour du Monde*, que terá sucesso. E a editora não é nada mais, nada menos do que a importante Librairie Hachette, da qual Reclus será um autor habitual.<sup>28</sup>
- 35 Tal revista destina-se à literatura de viagens. Ela se propõe a ser sincera e educativa, aliando variedade e prazer.<sup>29</sup> O publicista é um homem experimentado, Edouard Charton (1807-1890), antigo sant-simoniano e republicano que, como Reclus, protestara contra o golpe de estado de 2 de dezembro de 1851. Na idade de ouro da gravura, ele cercou-se de artistas de primeira linha, como Gustave Doré.
- 36 Uma passagem de seu relato merece ser integralmente citada aqui, já que me parece fornecer a chave de leitura do personagem:
- Eu estava deitado no bote salva-vidas, acima do timão, e observava as estrelas. Nesta posição, meu ser só existia para gozar de todas as ondulações do navio, e as ondas provocavam um frisson de bem-estar por todo o meu corpo; minha alma fora como que suprimida; não me restava senão a faculdade de saborear a plenos pulmões o ar fresco da noite. Balançando como em uma rede no bote salva-vidas suspenso, a 20 pés acima da água, ou quase que roçando sua superfície, eu ouvia a todo momento a onda estourar nas bordas do bote salva-vidas ou desaparecer sob o timão do navio com um ruído cavernoso; a meu redor, a fosforescência das medusas e dos rotíferos emitia uma pálida e trêmula luminosidade e, às vezes, o encontro de duas ondas luminosas brilhava em meus olhos como o reflexo de um relâmpago. Muito próximo, o mar parecia rolar fogo, enquanto lá longe disseminava uma vaga luz azulada como a do álcool inflamado.
- 37 Este texto não foi objeto de estudo e, no entanto, merecia um exame longo e detido.<sup>30</sup> De fato, ele coloca em evidência um problema filosófico frequentemente negligenciado pelos cientistas, aquele do erro “cartesiano”, que consiste em pensar que a emotividade deve ser afastada de qualquer raciocínio racional, objetivo.<sup>31</sup> Convém, ao contrário, desvendar de que modo os conceitos científicos de uma época algumas vezes servem como um leque de possibilidades às suas formas de sensibilidade.
- 38 Tenhamos essa ideia em mente e consideremos este texto que revela, simultaneamente e de modo excepcional, o estilo expressivo, a extrema receptividade deste peregrino do universo e o surpreendente brio de suas futuras escolhas em geografia.
- 39 Este fragmento de viagem revela o campo visual de nosso autor, a audácia cromática: “o mar parecia rolar fogo”. Seria uma reminiscência de Victor Hugo, “Le feu dans l'eau”? O poeta fala da água que parece incendiada, do fogo que vem da água, mas também da fosforescência...<sup>32</sup> Não! O romance de Victor Hugo é de 1866, o texto de Reclus, de 1860. E



este último já teria muito provavelmente lido as observações de Americo Vespucci sobre a fosforescência dos mares tropicais...<sup>33</sup>

- 40 O efeito de quadro, que associa a geografia à pintura, a mistura insólita de pitoresco e de sinceridade apreendem o leitor e o transportam em imaginação aos lugares narrados: ele quase pode ver a cena. Este efeito é desejado, e seu autor repetirá frequentemente que a educação geográfica deve começar inculcando nas pessoas o desejo de observarem por si próprias a natureza.
- 41 Para além do exotismo autêntico há também a sensualidade. Ela se deixa entrever em expressões como “gozar” e “frisson de bem-estar” no corpo. Isto não soa algo estranho nesse século XIX tão puritano? Reclus, reconhecido por todos os seus contemporâneos como dotado de uma inclinação muito viva para a austeridade, descreve nesta passagem uma explosão de gozo corporal. Como explicar esta guinada não conformista?
- 42 Criança do campo, sua familiaridade com os campos, com a Terra e suas estações teria podido embotar os sentimentos. Mas não. Desde muito jovem, ele corria livremente pelos campos, se maravilhando com um curso d’água ou com uma fenda glacial e voltava desse paraíso para receber uma bofetada por ter furado sua calça. Adolescente, ele e sua irmã correram até a exaustão. Ele percorreu centenas de quilômetros a pé, sozinho, até a escola dos irmãos Moraves, na comunidade protestante de Neuwied, na Alemanha. Em seguida, abandonou a escola e os estudos superiores para descobrir a montanha ou o mar. Mais tarde, defenderia o naturismo e até mesmo o nudismo e, já avô, ensinaria a seus netos como subir em árvores. Quase sempre a pé, Reclus explorou as planícies, as florestas e escalou montanhas.
- 43 Este lugar primordial acordado ao corpo se exprime tanto através do esforço, da abstinência, do despojamento, do rigor, do ascetismo quanto pela exaltação de todos os sentidos e da sensualidade. Nenhuma desvalorização: o corpo reencontra seus direitos.
- 44 São estes passeios, estas longas caminhadas e a viagem pelo Atlântico que constituirão sua fonte de orientação e de inspiração.

## Vínculo com a Terra

- 45 Élisée descobre seu traço fundamental: seu vínculo consubstancial com a Terra. Em um dado momento, ele chega a sentir como se estivesse no centro do universo, mas sabe que se trata de uma ilusão. Ele encontrará em seguida a expressão mais adequada para esta sensação:
- O homem não vive somente sobre o solo, ele também nasce da terra: ele é seu filho, assim como o afirmam todas as mitologias dos povos. Nós somos poeira, água, ar organizados e, quer tenham germinado no lodo do Nilo, quer tenhamos nos originado de lascas de carvalho, que tenhamos sido petrificados da terra vermelha do Eufrate ou dos aluviões sagrados do Ganges, não somos menos filhos da mãe benfeitora como o são as árvores da floresta ou os juncos dos rios. É dela que tiramos nossa substância: ela nos mantém com seus sucos nutritivos, fornece ar aos nossos pulmões e nos dá a vida, o movimento e o ser. É portanto impossível que as formas terrestres, com as quais a flora e a fauna se harmonizam de maneira tão admirável, não se reflitam igualmente nos fenômenos vitais desta simples parte da fauna que chamamos humanidade.<sup>34</sup>
- 46 Ao contrário de Descartes e da filosofia ocidental, que opõem o fato humano à natureza e concedem à humanidade o direito de mudar de planeta a seu bel prazer, Reclus inscreve o

homem no próprio mundo da natureza. Um texto redigido alguns anos mais tarde precisa este pensamento:

Qualquer que seja a liberdade relativa conquistada por nossa inteligência e nossa vontade próprias, não somos menos produtos do planeta: ligados à sua superfície como animaizinhos imperceptíveis, nós somos transportados em todos os seus movimentos e dependemos de todas as suas leis.<sup>35</sup>

## O vivido e o real

- 47 Que mundo é este que ele experimenta intensamente em sua carne, mesmo se esta experiência é sem dúvida mediatizada por seu passado e suas leituras? Qual é este vivido que o fascina até o gozo? Ele existe, para além do cientificismo e mesmo do saber científico; em Reclus, ele não deriva de uma transferência ou de uma sublimação da fé protestante de sua infância. Para além de um saber “objetivo”, ele é da ordem da geopoesia e mesmo da cosmopoesia. Este vínculo com o saber, que encontramos, por exemplo, em algumas citações de Albert Einstein, foi bem descrito pelo escritor Kenneth White.<sup>36</sup>
- 48 Mas este corpo a corpo é bem mais do que um jogo. Reclus pertence à rara família de indivíduos que não precisam de um paraíso: ele viu a Terra como o país das maravilhas. A felicidade não está na riqueza, nas posses, mas no conhecimento das potências cósmicas, na sociedade em que cada indivíduo pode matar sua fome e no ordenamento da Terra em harmonia com as suas grandes leis.
- 49 O interesse pela geografia tem origem em um espaço de pensamento para além da pura abordagem científica: trata-se de um questionamento da existência. Reclus contestou as ideias místicas de Karl Ritter, cujas aulas escolheu assistir, mas sem dúvida para se preservar de seus próprios êxtases.<sup>37</sup>
- 50 Como todo cientista, Reclus percebe e vive uma realidade que, como todo mundo sabe, não é senão um ponto de vista particular. O filósofo Blaise Pascal afirmou apropriadamente sobre o general romano Marco Antonio, apaixonado por Cleópatra, rainha do Egito: “Se o nariz de Cleópatra fosse menor, toda a fisionomia da Terra teria mudado”. O charme que uma pessoa inspira se deve a detalhes ínfimos: nós amamos o ser que ali está mas, com o tempo, descobrimos que, para além deste vivido, há outras maneiras de perceber este indivíduo. De modo análogo, para todo geógrafo, há uma distância entre sua apreensão do mundo e o mundo tal como é. Seu trabalho de cientista consiste em retificar o olhar, e esta modificação da subjetividade é o que os psicólogos chamam de paralaxe. Eles o tomam de empréstimo da astronomia, que leva em conta o fato de a aparência de um objeto depender, por exemplo, do ângulo a partir do qual ele é observado.
- 51 Sua realidade jamais abraçará a totalidade do que ele é. É por esta razão que eles tentam estabelecer “a ciência” sobre bases que desejariam que fossem objetivas. Eles visam estabelecer um acordo sobre os métodos e as apostas, na impossibilidade de se alcançar esta totalidade. Outros problemas intervêm a partir daí.

## Conciliar o vivido e a ciência

- 52 Reclus tentará se aproximar dos critérios científicos reconhecidos, mas sem concessões ao que ressoante, percebe e pensa. Nutrido pela literatura e também pelo romantismo,

igualmente cativado por um mundo de intensidades puras, virtual, sensual, poético, ele constrói sobre este terreno as relações dialéticas que percebe entre a natureza e a sociedade americanas.

- 53 Sua anarquia é antes de tudo aquela que percebe no cosmos, que ele vê como uma ordem plena de equilíbrios instáveis. O universo é um teatro no qual atuam o poder, a imensidão, os conflitos e os contrastes: os progressos não se fazem acompanhar por “regras”? Sua anarquia, muito antes do nascimento do movimento que ele contribui para fundar, é antes de mais nada uma anarquia cósmica na qual “a harmonia primeira” se encontra contrariada, entre outras, pela avidez humana.<sup>38</sup> É nesta extraordinária polifonia, com múltiplas partituras, que Reclus quer trabalhar: não surpreende portanto que sua geografia seja multidimensional, que leve em conta a sociologia, a etnologia, a política, ao mesmo tempo que os campos mais tradicionais. A transmissão deste ensinamento não pode ser feita na austeridade das nomenclaturas: ele deixa isto para as enciclopédias. É preciso dar vida à geografia, suprimindo as fronteiras entre as diversas ciências e entre estas últimas e a arte: foi assim que “Humboldt, Darwin, Wallace, Agassiz trataram a geografia: vinculando-a a todas as outras ciências, eles a renovaram, eles a tornaram viva”.<sup>39</sup> E mesmo mais tarde, é verdade, ele não temerá se dirigir à Société Royale de Géographie, dizendo: “eu não falo como geógrafo, mas como artista”.<sup>40</sup>
- 54 A anarquia de Reclus não se contenta com uma geografia do *realizado*. Ela o questiona para descobrir suas potencialidades.

## A viagem

- 55 Há, portanto, uma incessante passagem da exaltação e do entusiasmo ao trabalho consciencioso e à busca por uma abordagem apropriada. O relato de viagem tampouco se limitará a oferecer descrições da paisagem ou a resvalar para o pitoresco. Em primeiro lugar, ele apresenta uma observação intensa da fauna marinha, terrestre e aérea e das plantas. Ele irá progressivamente chegar a um quadro geral: o contraste entre a precariedade das vidas e a marcha do capitalismo.
- 56 Eis que, na foz do Mississipi, ele percebe o primeiro vilarejo, Balize, também conhecido como Pilotville. Ele observa os habitantes e sublinha como, nesta paisagem particular, eles se adaptam ao meio natural, se esforçando por dominá-lo.
- As cabanas são construídas com pranchas tão leves quanto possível a fim de que não afundem no solo encharcado e, para que a umidade penetre menos, elas são pousadas sobre altos pilotis, como se fossem poleiros. Igualmente, quando sopra o vento da tempestade e as ondas vêm uma após a outra arrebentar no rio sob o cordão do litoral, as casas de Balize poderiam ser arrastadas se não fossem amarradas como navios: às vezes até mesmo a cidadezinha parece flutuar sob âncoras.<sup>41</sup>
- 57 Mas o que se segue não é menos dramático, já que o ar não é uma realidade exterior à humana: “As febres e a morte desprendem-se incessantemente do manto de miasmas existentes em Balize”.
- 58 Este estudo da precariedade se virá confirmado algum tempo mais tarde: após ter sido atingida por diversas tempestades, Balize será varrida do mapa e abandonada em 1860, para ser reconstruída em outro lugar.
- 59 Mas Reclus descobre o avanço implacável do capitalismo. Descendo do barco cada vez que ele encalha, ele caminha pelos grandes juncais. Nesta paisagem morna e

pântanos estagnados, ele observa o fio de um telégrafo elétrico: é o primeiro trabalho do homem em uma terra ainda inculta, o primeiro sinal da nova economia: “este fio anuncia aos negociantes de Orléans a quantos tonéis de sal, cabeças de imigrantes, de peças de algodão remonta a carga”.<sup>42</sup>

- 60 Ei-lo enfim em bom porto. Ele ingressa no Novo Mundo pelo viés dos meios francófonos de Nova Orleans: compatriotas recém-emigrados, criollos, cajuns e sobretudo antigas famílias francesas de produtores.<sup>43</sup> Entre os últimos chegados, há pessoas originárias de sua região, republicanos, como um padeiro que ele costuma frequentar. Mas Reclus foi precedido por diversos anarquistas, como Anselme Bellegarrigue, nativo de Toulouse, que redigiu suas impressões sobre a Louisiana e o Mississipi, e talvez tenha cruzado com Joseph Déjacque, que acabara de partir para Nova York. Estas primeiras impressões, que ele aprofundará por meio de outras frequentações na América profunda, o levam a considerações mais gerais sobre os Estados Unidos, mas às vezes também a clichês.<sup>44</sup>
- 61 Neste novo país, ele sobrevive com dificuldade por meio de pequenas ocupações. Ele se emprega como estivador, o que estava manifestamente aquém de sua capacidade. Felizmente, por intermédio de um amigo comum, o doutor Claude J. B. Lafaye, ele obtém o cargo de tutor na *plantation* açucareira “Félicité”, de Septime Fortier, no enclave francês da paróquia de St. James.<sup>45</sup>
- 62 Este homem de 37 anos, agente imobiliário e proprietário de *plantations* de cana de açúcar, casara-se com Félicité, de nome bastante simbólico, uma vez que seu pai, Gabriel “Valcour”, possui a maior fortuna do país, e sua mãe, Joséphine Roman, é irmã do antigo governador da Louisiana. No auge de sua riqueza, Valcour mandou construir “a pequena Versailles” (terminada em 1844). Quanto a Fortier, ele deu como dote de casamento a Félicité, sua segunda filha, a *plantation* que levava seu nome, e que ainda hoje pode ser visitada, a 50 milhas de Nova Orleans. Durante a estadia de Reclus, a desgraça se abateria sobre este homem, com a morte de seu único filho e, em seguida, àquela de sua esposa. Ele se retira em uma cidadezinha e passará o resto de seus dias a orar em uma pequena capela. Posteriormente, deixará seus bens para a Igreja.<sup>46</sup>
- 63 Reclus teria ficado a par de tudo isto? Não se tem certeza e, de todo modo, ele não fez qualquer alusão a este respeito. Aqueles que o cercam são distantes, mas corteses e até mesmo benevolentes. O tio, que havia sido governador, era um ferrenho defensor da reforma das prisões e se oporia à Secessão. Os escravos parecem bem tratados. É neste quadro, enganosamente paternalista, em contato permanente com os escravos negros, que ele refletirá sobre a dominação racial.
- 64 Com a chegada do navio a seu destino, deixamos para trás o pitoresco, mesmo se o tom permanece jocoso. Como observou John P. Clark, a descrição de Nova Orleans insiste sobre o caráter precário da cidade. Reclus escreve: “Basta adentrar alguns centímetros ou, durante as estações de grandes secas, um ou dois metros, para encontrar água nos lençóis freáticos; também um mínimo de chuva é suficiente para inundar as ruas e, quando uma tromba d’água se abate sobre a cidade, todas as avenidas e praças se transformam em rios e lagoas”. A aglomeração lhe parece como a cidade de todos os desastres: o fogo, “principal agente de transformação da cidade”,<sup>47</sup> os afogamentos, a febre amarela, uma média de mil vítimas por ano, mais de 2.500 tabernas onde as pessoas se abandonam às mais violentas paixões suscitadas pelo conhaque e pelo rum, uma criminalidade assustadora, a ponto de perfazer de 25 a 30 mil prisões por ano. Assim, enquanto a história dos Estados Unidos é geralmente contada à luz dos dirigentes e de seus temas,

Reclus inclui as vítimas, mas também outros protagonistas não humanos. O fogo, o oceano, a febre amarela, os miasmas são também atores em sua narrativa.

- 65 Esta terra sulista, mantida por escravos, lhe causa horror; ao retornar aos Estados Unidos, algumas décadas mais tarde, ele não voltará à Louisiana, preferindo outras regiões. A opressão racial lhe parece uma forma de dominação tão cruel quanto crucial. Suas análises do tratamento oferecido aos negros são interessantes — é imperdível sua descrição dos leilões públicos de escravos — permitindo compreender o que ele escreverá alguns anos mais tarde, durante a Guerra de Secessão.<sup>48</sup>

## II. Guerra Civil nos Estados Unidos: Marx ou Reclus?

- 66 É antes de mais nada na época da Guerra de Secessão que ele utilizará o saber reunido por ocasião de sua estadia na Louisiana. Como Karl Marx, ele irá comentar este conflito, e a comparação entre os dois revolucionários é esclarecedora. Após um rápido comentário sobre a situação inicial, confrontaremos os dois pontos de vista.

### Os inícios do conflito

- 67 O ano de 1861 é marcado por datas essenciais: o Partido Republicano havia ganhado as eleições do ano anterior, e Abraham Lincoln, eleito Presidente dos Estados Unidos, deveria ocupar a Casa Branca a partir de 4 de março daquele ano. Contudo, em 4 de fevereiro, sete estados do Sul, engajados na produção de algodão, se autoproclamaram nação independente, adotando o nome de Estados Confederados da América. Lincoln, apoiado por 21 estados essencialmente nortistas, chama de “União” a mobilização. Quatro outros estados se unem então aos sulistas, e estes últimos desencadeiam hostilidades ao bombardearem o Fort Sumter, na Carolina do Sul, em 12 de abril.
- 68 A atitude da França, particularmente dos liberais, foi estudada em diversos artigos e obras. Para os aspectos que nos dizem respeito, podemos citar particularmente Serge Gavronsky, que analisou as posições de poder e da oposição liberal, e menciona Reclus apenas de passagem. Mais esclarecedor para o nosso tema é o que escreve Barbara Karsky:
- Os liberais não conseguem dar conta dos problemas socioeconômicos da sociedade sulista, nem da atitude do Sul em relação ao problema do trabalho e, assim sendo, negligenciam o problema da integração da escravidão em todos os domínios da vida do Sul, sua função na estrutura de classe, sua influência sobre o temperamento das pessoas do Sul (aí incluídas as que não possuem escravos e as menos livres). Suas análises limitam-se apenas ao fenômeno da escravidão, às relações senhores-escravos, aos problemas da classe dos proprietários de escravos.<sup>49</sup>
- 69 De que modo este ponto de vista dos liberais franceses contrasta com aquele do filósofo alemão Karl Marx?

### A leitura de Marx

- 70 Os escritos de Marx são bem conhecidos, e o conjunto de seus textos foi publicado com o título *A Guerra Civil nos Estados Unidos*, obra bastante comentada. Ele escreveu para um público amplo: o do jornal popular vienense, *Die Presse* e o europeu, do importante periódico *New York Daily Tribune*.

- 71 A partir de 1851, ele trabalhou como correspondente europeu para o jornal americano. Como tal, foi levado a abordar sobretudo as reações europeias, particularmente a britânica, e em sua colaboração com o jornal vienense *Die Presse*, analisou a situação americana no contexto ocidental.
- 72 Marx refere-se sobretudo às classes dirigentes da Inglaterra e dos Estados Unidos: discute os projetos dos dirigentes políticos destes países; se opõe, em vários aspectos, às mídias do Reino Unido e, particularmente, a uma ameaça de intervenção deste país no conflito americano. Por fim, com a colaboração de seu amigo Friedrich Engels, ele se interessa pelas estratégias militares e sobretudo pela configuração econômica da República americana.
- 73 Sua informação provém da imprensa londrina, mas também de seus correspondentes nos Estados Unidos. Foi aliás muito tardiamente que começou a escrever a este respeito: seu primeiro artigo é em inglês, sendo publicado em 11 de outubro de 1861, e abordando a “Questão americana na Inglaterra”. Em 25 de outubro, seu texto sobre a “Guerra civil americana” apareceu na *Die Presse*, ou seja, alguns meses após o início as hostilidades.<sup>50</sup> Contrariamente às mídias inglesas, ele se opõe à ideia difundida pela imprensa londrina segundo a qual o conflito se deveria à questão das tarifas. Os historiadores contemporâneos lhe darão razão: eles minimizam a questão tarifária, já que ela pouco aparece nas reivindicações dos independentistas. Ainda assim, ao contrário da imprensa britânica, Marx argumenta com razão que a ofensiva não provém da União contra os Estados do Sul, mas antes o contrário.<sup>51</sup> Ele sustenta que o bombardeio do Fort Sumter era uma incitação à guerra.
- 74 O Sul pode efetivamente existir como uma nação independente? Uma das primeiras reivindicações é, de fato, de ordem cartográfica, já que o problema da divisão do país se coloca. Para os sulistas, “a própria natureza traçou solidamente a fronteira da região”.<sup>52</sup> Existe, de fato, uma grande clivagem entre as duas seções.
- 75 Marx opõe a estrutura feudal e escravagista do Sul, de um lado e, de outro, o sistema industrial do Nordeste, com sua finança, suas fábricas e seu assalariado. Mas rejeita a ideia de que a confederação sulista constitua um verdadeiro país:
- De fato, se o Norte e o Sul fossem dois países tão claramente distintos quanto a Inglaterra e Hanover, por exemplo, sua separação não seria mais difícil do que a destes dois Estados. Mas ocorre que, em relação ao Norte, o “Sul” não constitui nem um território geograficamente bem delimitado, nem uma unidade moral. Não se trata de um país, mas de uma palavra de ordem de batalha.<sup>53</sup>
- 76 Marx julga que a economia condiciona a política. Como escreverá mais tarde, a forma do Estado, a base escondida de toda e qualquer construção política e social se encontra na relação direta entre o proprietário dos meios de produção e o produtor imediato.<sup>54</sup> Ora, temos aí duas configurações sociais distintas. Desse modo, a Guerra de Secessão é interpretada como uma luta econômica, mas pelo poder:
- É verdade, não se trata de emancipar diretamente — ou não — os escravos no seio dos Estados escravagistas existentes; trata-se antes de saber se 20 milhões de homens livres do Norte vão se deixar dominar por mais tempo por uma oligarquia de 300 mil escravagistas, se os imensos territórios da República servirão de estufas quentes ao desenvolvimento dos Estados livres ou dos Estados escravagistas, se, enfim, a política nacional da União terá como lema a propagação armada da escravidão ao México e à América Central e meridional.<sup>55</sup>
- 77 As análises de Marx se voltam, portanto essencialmente, para os principais dirigentes civis e militares americanos (e também para os dirigentes britânicos). De modo indireto —

já que ele não faz menção alguma, naquela época — trata-se de saber se os negros irão engrossar a massa salarial e fazer concorrência aos operários brancos. Sua emancipação não é a principal preocupação deste analista já que, para ele, se se juntarem à classe operária também se encontrarão na condição de explorados.

## A perspectiva de Reclus

- 78 Em contraste com os escritos de Marx, os de Reclus foram pouquíssimo analisados pelos historiadores, e só muito recentemente foram retomados pelos editores.<sup>56</sup> Não se trata, aliás, de uma crônica regular dos últimos acontecimentos, mas de artigos ocasionais, uma dúzia aproximadamente, na *Revue des Deux Mondes*, frequentemente por ocasião de uma resenha sobre obras relativas aos Estados Unidos.<sup>57</sup> Reclus obtém informações da leitura de obras americanas ou francesas relativas aos Estados Unidos, mas também tem a vantagem de ter estado no local e ter vivido com os sulistas.
- 79 Na França, a atitude em relação à Guerra Civil está longe de ser unânime em favor dos Nortistas. Philippe Roger demonstrou como aqueles que favoreceram a expedição de Napoleão III ao México desejariam ver os Estados Unidos se desmembrarem. Os americanos são recriminados por seus crimes contra os índios e negros e fala-se cada vez mais no Yankee brutal e imperialista.<sup>58</sup> Também na Inglaterra a ideia de uma divisão é acalentada pelos dirigentes, bem como por seus rivais franceses, já que o enfraquecimento dos Estados Unidos favoreceria seus interesses imperialistas.
- 80 Reclus, que não acredita de modo algum nas fronteiras naturais, mostra que a disparidade entre os dois blocos regionais não os torna autônomos, mas atua em favor do Norte. A divergência de interesses é tal, a relação de força tão grande, que o Sul não pode viver sem o Norte. Sua explicação, publicada antes do início das hostilidades, mostra-se perspicaz: a escravidão colocou os Estados Unidos em um impasse. O equilíbrio entre as duas seções do país é instável, e a libertação dos escravos tornou-se uma necessidade para o Sul, sob pena de falência e ruína absolutas.<sup>59</sup> A população desenvolveu-se mais no Norte, as manufaturas e o capital ali se concentraram, os percursos das estradas de ferro e as escolas são ali mais numerosos, o comércio mais importante, enquanto os escravos custavam mais caro que os homens livres. Em revanche, caso o Sul se voltasse para a industrialização, este progresso se voltaria contra os escravagistas.
- 81 Ele duvida, por fim, que uma cisão séria pudesse acontecer, pois seria catastrófica para os Estados do Sul, sem a ajuda daqueles do Centro, Kentucky, Maryland e Virgínia.<sup>60</sup> Reclus não percebeu que o impasse no qual se encontravam os sulistas os levaria a soluções irracionais. Eles se endividaram até o pescoço, só dificilmente podendo manter os escravos, estes últimos não sendo propriedade senão de uma ínfima minoria de brancos. A guerra aparece como uma poção mágica. Mas ele se enganou em seu prognóstico, já que os sulistas se lançaram nesta aventura perigosa. Os fatos justificariam seu diagnóstico: a Confederação perderia a guerra e seria invadida pelo Norte.
- 82 A posição de Reclus em relação as estratégias do conflito é diferente da de Marx. Ele menciona a luta pelo poder, mas seu interesse maior é pelas pessoas modestas: os negros, em primeiro lugar, mas também os crioulos, os pequenos brancos, os índios.
- 83 Sua maior preocupação é com a emancipação dos povos. Escrevendo antes do início das hostilidades, ele só vê uma solução possível: que os Estados do Norte deem plena liberdade aos negros e o direito de voto: a via seria amplamente aberta pelos escravos

fugitivos. Seu raciocínio se apoia na ideia de que “ as modificações lentas e frequentemente despercebidas têm muito mais importância” do que os movimentos violentos e bruscos.<sup>61</sup> De fato, o Kansas lhes proibiu seu território e Nova York temia a concorrência da mão de obra escrava.<sup>62</sup> Esta reflexão aparentemente ingênua se justifica a longo prazo. A guerra de Secessão acarretou a abolição da escravidão, mas não abriu de fato o caminho para a emancipação dos negros: a era da reconstrução foi particularmente sinistra para esta minoria.

- 84 Ressaltemos também, já que não é nosso propósito, que Reclus analisa com muita atenção o que, atualmente — desde Michel Foucault — chamamos de governança. De fato, não é somente às estruturas do Estado que ele se interessa, mas também aos dispositivos ideológicos de diversos meios do Sul. Ele demonstra que os produtores insistem em seu direito de manter a escravidão em nome da defesa da propriedade, reclamação de fato frequente nas reivindicações dos sulistas, como observaram os historiadores. Ele apresenta também um quadro muito completo sobre as mentalidades dos Negros, de seu *staff*, assim como daquelas dos criollos e dos pequenos Brancos.
- 85 Enfim, há uma grande diferença entre Marx e Reclus no que diz respeito às observações das consequências internacionais da Guerra. O primeiro nota o impacto das hostilidades para a Grã-Bretanha. Seu ponto de vista é essencialmente ocidental. Em revanche, Reclus alegra-se em pensar que a oportunidade das *plantations* de algodão vai se estender ao Egito e a Índia, permitindo a estes dois países o acesso ao conjunto das grandes potências.
- 86 As perspectivas de Reclus, tão diferentes das de Marx, permitem apreender suas percepções e seus agenciamentos teóricos distintos, o que enriquece simultaneamente o campo da geografia e aquele da complexidade. No contexto deste estudo, sua abertura ao conjunto das sociedades do globo, às suas relações recíprocas e com a Terra, vai encontrar pleno desenvolvimento em uma das grandes obras de Reclus, a *Nouvelle Géographie Universelle*, uma obra que ainda hoje mereceria figurar em todas as bibliotecas dignas deste nome.

### III. A Nova Geografia Universal

- 87 O tomo 16, dedicado aos Estados Unidos, tem 846 páginas. Sua redação foi completada por uma curta visita ao país, em 1889, após um périplo pela Ásia Menor, pelo Egito, pela Tunísia e pela Argélia.
- 88 Reclus menciona Jacques W. Redway entre seus correspondentes e inspiradores; trata-se de um bom cartógrafo e o autor prolífico de manuais de geografia. Seus colaboradores habituais não são indicados, mas não poderíamos omitir a influência de Léon Metchnikoff e talvez de Pierre Kropotkine que, com a escola russa de seu tempo e contrariamente às teses darwinianas da moda, lhe demonstrou a importância da solidariedade.
- 89 A obra traça um panorama do país, de sua estrutura e de suas divisões naturais. Ela se debruça, em seguida, sobre os vestígios dos primeiros povos; em seguida, descreve as tribos indígenas de seu tempo. Ela traça um esboço das formas de colonização, das diversas correntes imigratórias, dos brancos e negros. Nos faz visitar em seguida as três grandes regiões do país: os Apalaches e os estados da costa atlântica, os Grandes Lagos e o Mississippi e, por fim, as Montanhas Rochosas e o Pacífico. O volume é concluído com um estudo límpido do governo e da administração da república americana.



- 90 O interesse desta obra, que recomendamos aos americanistas e a todos aqueles que se interessam pelos Estados Unidos, surge desde a primeira abordagem. Deixemos de lado o estudo crítico de seu conteúdo para nos concentrarmos sobre os aspectos que revelam a singularidade do olhar de Reclus.<sup>63</sup> E antes de tudo em relação àquele de seus compatriotas.

## A imagem dos EUA na França

- 91 As discussões políticas ou sociais sobre um país bem conhecido não deixam ninguém indiferente; sobretudo quando se trata dos Estados Unidos. O grande público não desconfia a que ponto, em certos momentos da história, este país teve papel primordial no imaginário do planeta. No caso da França, isto deriva até mesmo, por vezes, de certa obsessão e, como outras regiões e nações, a América do Norte foi o espelho no qual ela se olhou. Naturalmente, a opinião variou no tempo, com as reviravoltas e, às vezes, os esquecimentos, revelando julgamentos contraditórios e sentimentos inconstantes. As diversas épocas foram marcadas por alguns grandes escritos cuja importância não poderíamos exagerar; em primeiro lugar, é claro, em relação aos indígenas da América.

## Os Índios

- 92 A Guerra de Independência marcou o término do interesse pelos indígenas. Eles desapareceriam de cena em proveito do “Americano”. Já não se leem mais as *Narrations* dos missionários jesuítas nos púlpitos das igrejas católicas do reino. Se Chateaubriand ganhou a cena, em seguida, graças a romances quase míticos, as elites no poder passaram a observar, a partir de então, outros atores e temas.<sup>64</sup> É somente após a Guerra de Secessão que o discurso sobre o índio terá novamente espaço, desta vez, para repreender os americanos por seus crimes contra estas populações.

- 93 A compreensão do continente norte-americano começa, com razão, pela pré-história. Os montículos com formas complexas, os terraços, os túmulos, os antigos fortes:

No Estado de Ohio e sobre nas margens de Brush Creek, um túmulo, de forma única no Novo Mundo e sem análogo no Antigo, representa uma serpente graciosamente ondulada e enrolando sua cauda em uma tripla volta espiral: ela tem a boca aberta e sustenta entre seus dentes um ovo de uma centena de metros de circunferência; da cabeça à cauda do animal, a distância passa de 300 metros.<sup>65</sup>

- 94 Ele observa as minas de cobre, as ferramentas, as obras domésticas, guerreiras ou decorativas, que testemunham a sucessão de civilizações e sua variedade. Em comparação com as tribos de caçadores e colhedores, Reclus observa o que se admitiria um século mais tarde, que as tribos agrícolas:

Eram, por isto mesmo, mais facilmente dominadas: um poder sólido de chefes e padres, constituído acima delas, as mantinha sob rígido controle para “protegê-las” contra os ataques de caçadores.<sup>66</sup>

- 95 A geografia de Reclus reintroduz, portanto, os indígenas. E mesmo a menor das tribos é mencionada. Ele se apoiou particularmente na fonte mais fiável da época, os trabalhos de Henry Rowe Schoolcraft (1793 –1864), geógrafo, geólogo e etnólogo, que descobrira em 1832 a fonte do Mississipi e foi um pioneiro no estudo destas sociedades.

- 96 Os indígenas não são “almas a serem salvas”, nem “um problema”, mas seres humanos. Estamos bem distante dos exploradores que descobriram reis e princesas indígenas, dos jesuítas que relatavam crenças no diabo, ou de algum outro narrador que menciona

populações ou costumes que evocavam a França de Louis XIV. Reclus procura se afastar do eurocentrismo. Ele lembra também que as interpretações diferem segundo os observadores, particularmente quando se trata de elementos culturais, como as hierarquias sociais ou as religiões. Ele escreve, por exemplo: “O nome Manitou, que foi traduzido como ‘Grande Espírito’ seria mais fiel ao original se tivesse sido traduzido como ‘desconhecido’”.<sup>67</sup>

97 Seu vocabulário hoje em dia pode parecer ultrapassado, como quando menciona os “povos crianças”. No entanto — e trata-se de algo um tanto contraditório — enquanto o recenseamento de 1890 menciona os “índios civilizados”, nosso geógrafo os designa como índios “que pagam impostos e gozam de seus direitos de americanos”.

98 Ele assinala a existência de tribos envolvidas com a agricultura, com o comércio e mesmo na exploração de minas, muito antes da chegada dos europeus. Refuta assim a argumentação destes últimos, que se apropriavam das terras com a desculpa de que ninguém as utilizava.<sup>68</sup> Reclus relata que os Pimas (na realidade, o sub-grupo dos *Akimel O'odham*) não deixam nada a desejar em matéria de habilidade:

Os Pima cultivam as terras com inteligência e traçam com muito cuidado seus canais de irrigação: os trabalhos hidráulicos feitos por seus ancestrais poderiam servir de exemplo aos americanos.<sup>69</sup>

99 Ele nota também que os índios, grandes caçadores de bisão, também podem cultivar. Em *O Homem e a Terra*, ele acrescentará esta importante nuance: “[...] os mesmos indivíduos podem pertencer a estágios diferentes da civilização de acordo com as estações do ano”<sup>70</sup> e coloca em evidência o peso social das mulheres: “Entre os Wyandots da América do Norte, o grande conselho da nação era composto por 44 mulheres e 4 homens, os quais, na realidade, eram somente agentes executivos da vontade feminina.”<sup>71</sup>

100 Reclus dedica-se a banir qualquer simplismo; ele demonstra a complexidade destas civilizações por meio das estruturas linguísticas de certos grupos. Por exemplo, em relação à língua dos índios, faz este comentário instigante: “Enfim, na América setentrional, as línguas dos Peles Vermelhas estavam em guerra assim como as próprias tribos [...]”<sup>72</sup>

101 Ele é finalmente mais completo do que muitas fontes americanas que frequentemente omitiram a participação de certas tribos ameríndias na Guerra de Secessão. Reclus faz, em sua época, esta triste constatação: “A guerra civil, que atualmente ensanguenta a América, derrama tanto sangue indígena quanto aquele dos negros e dos brancos”.<sup>73</sup> Mas apesar de sua simpatia pelos primeiros habitantes da América do Norte, ele não esconde os fatos embaraçosos: tribos combatendo nos dois campos e aquelas que têm escravos atacando as outras. A batalha próxima ao rio Arkansas custou, em dois dias, cerca de duas mil vidas.<sup>74</sup>

### O espaço e sua representação

102 Aqui também Reclus inova. E, antes de tudo, na iconografia.

103 Vimos, mais acima, que ele rejeita as representações demasiado abstratas. Adeus, portanto

à geografia convencional que consiste em citar as longitudes e as latitudes, a enumerar as cidades, os vilarejos, as divisões políticas e administrativas.

104 Tudo isto, de fato, pode ser encontrado nos atlas, nos dicionários e nos documentos oficiais.

Eu não gostaria, ao me atribuir a fácil tarefa de intercalar em um bom número de quadros, nomes e números, fazer aumentar inutilmente as dimensões de uma obra [...] e penetrar em um domínio que é aquele da cartografia e da estatística pura.

- 105 A obra, como nos tomos precedentes, multiplica as ilustrações e os mapas, se distinguindo dos livros enfadonhos da época. As gravuras e desenhos são pouco tradicionais, mesmo que sempre apresentem os indivíduos sob seus traços mais nobres, sendo às vezes obra de artistas de primeiro nível. A bem da verdade, o olhar de Élisée Reclus revela-se, sem dúvida, melhor em sua apreensão do espaço.
- 106 Sob sua coordenação, os mapas traçados por Charles Perron surpreendem por sua modernidade. Não se trata mais de uma concepção racionalista da geografia a impor uma ordem “completamente exterior”. Estamos distantes destes *mapa mundi* eurocêntricos ou americanocêntricos, destes atlas nos quais não se representa a distribuição das populações minoritárias, destas placas turísticas que selecionam “o que deve ser visto”. Aqui, ao contrário, descobrimos uma representação das correntes imigratórias que inclui a África negra, uma outra do teatro da Guerra de Secessão, uma terceira de uma reserva Sioux e até mesmo uma distribuição das principais universidades...
- 107 Quando Reclus redige o tomo sobre os Estados Unidos, este país já perdera o que ele denominava “a Fronteira”, espaço mais ou menos desabitado, desconhecido e inóspito. Esta constatação irá coincidir com a nova ascensão do imperialismo americano que, a partir de então, passará a rivalisar com as grandes nações europeias. O espaço interior do país perde assim uma parte importante de sua dimensão imaginária: assim, anteriormente, os puritanos tinham considerado a natureza circundante como má e perigosa, os acontecimentos naturais pontuando a vontade divina. No entanto, a dimensão imaginária permanece presente ao longo do século XIX.<sup>75</sup> As descrições das paisagens estão frequentemente ligadas às lendas mais ou menos históricas. O meio não é percebido como “exterior” ou neutro. O ar que respiramos pode ser embalsamado pelas flores ou, ao contrário, introduzir no corpo perigosos miasmas. E pode se dizer o mesmo em relação à água.
- 108 Reclus, por sua vez, concebe o espaço como um campo de forças centrífugas e centrípetas que influencia as sociedades e que, juntamente com elas, constitui um corpo, já que recebe a ação em retorno. Assim, certos americanos se encontram no centro, outros na periferia. Por exemplo, a cidade de Washington, concebida para estar em uma posição “neutra” entre os Estados do norte e aqueles do sul, foi descentrada devido à emigração em direção ao oeste. Nenhuma cidade americana pode ter este papel centralizador: se uma possui a hegemonia no domínio da arte e das letras, outra é poderosa do ponto de vista comercial. Uma terceira destaca-se por sua indústria e outra por seu peso político. O espaço tem um sentido político e impulsiona os Estados Unidos em direção ao federalismo.
- 109 Espaço sinfônico também, no qual entram em jogo a altitude, a latitude, a temperatura, o clima, os cursos d’água, afetando assim a densidade da população. Por sua vez, a humanidade reage por meio de seus sistemas de representação da apropriação do solo. O regime de propriedade, a natalidade, a imigração, a urbanização deslocam os centros de gravidade da nação. O fim do século XIX assinala, nos Estados Unidos, o perpétuo movimento em direção ao oeste, ao fim da fronteira, o grande afluxo dos novos imigrantes.

### Como se pode ser americano?

- 110 Comparar o comportamento de um grupo com aquele do qual fazemos parte serve para nos identificarmos, nos distanciarmos do outro, construirmos um espaço social hierarquizado. Esta prática faz parte das apostas identitárias dos grupos sociais, e a presença de “gentes de cor” e, em seguida, a imigração massiva de finais do século XIX exacerbam, nos Estados Unidos, os reflexos etnocêntricos. Eles não detêm aliás a exclusividade. O século XVIII conheceu uma grande controvérsia sobre a decadência das raças, e os pensadores europeus consideraram por muito tempo que os animais e os indivíduos do Novo Mundo traduziam uma deformidade reveladora da degenerescência das espécies. O pensador Thomas Jefferson procurou recusar esta teoria, mas ela se perpetuou, particularmente na análise das migrações. Assim, em 1878, o influente professor de geologia de Harvard, o americano Nathaniel Southgate Shaler garantiu que a população da Virgínia se degenerou devido ao fato de grande parte de sua população ter emigrado em direção a outros estados.<sup>76</sup>
- 111 Pode nos surpreender o fato de Reclus ter empregado etnótipos, ou seja, clichês para descrever este ou aquele povo por traços psicológicos que lhes são atribuídos. Os dois últimos séculos insistiram de fato nesta abordagem, encontrada aliás em vários trabalhos. Da “maioria silenciosa” aos “índios amigáveis ou hostis”, quem não tenta descrever algum grupo humano, alguma etnia ou alguma nação? Ora, o sociólogo de hoje avalia que as diversas pesquisas para estabelecer uma psicologia própria a uma dada população sempre foram fracassadas. A afirmação da existência de uma alma coletiva levou aos trágicos desvios do fascismo. Os estereótipos atribuídos a um ou outro povo levaram e levam ainda hoje à xenofobia ou até mesmo ao racismo.
- 112 Não é menos verdade que o homem comum sempre distingue por algum traço de temperamento o parisiense do genovês, o nova iorquino do texano. Se é evidente que os habitantes de uma mesma cidade estão longe de partilhar o mesmo temperamento, não podemos negar a presença ou a ausência de traços e de comportamentos comuns. O número de decibéis que suportamos em uma cidade afeta de modo totalmente distinto a audição do cidadão em relação àquela do camponês. O ritmo das metrópole é completamente distinto daquele dos burgos, e o italiano passa, sem dúvida, mais tempo à mesa que o inglês. Assim, os membros de uma dada coletividade diferem em sua psicologia profunda, mas a vida em comum lhes molda alguns traços coletivos, mais ou menos superficiais, que não passarão despercebidos ao recém-chegado.
- 113 As tentativas de Reclus para dar conta dos traços psicológicos próprios a cada grupo são menos felizes. Os clichês são relativamente pouco numerosos. A maior parte destas observações — o formalismo do habitante da Nova Inglaterra em comparação àquela do Middle West, a maior liberdade moral dos californianos e assim por diante — não perderam em nada seu interesse.
- 114 Por outro lado, talvez para acrescentar uma nota de humor, ele usa e abusa dos apelidos e alcunhas que qualificam as cidades ou os grupos sociais anglo-americanos. A propósito de Boston, por exemplo, ele escreve: “seus filhos a apelidarem de Hub ou ‘eixo’, como se fosse o centro em torno do qual gira a roda da fortuna americana. Cambridge é o eixo do eixo”. E ele declara que os sulistas trataram os habitantes de Boston de ‘white-livered’ ou ‘pessoas de fígado branco’, o que indignou um crítico.<sup>77</sup>

- 115 Este contraste de temperamentos e de psicologias tem por objetivo demonstrar que “provêm sobretudo do tipo de vida tão diferente que levaram, após a diversidade das condições sociais”.<sup>78</sup> Anteriormente, Reclus havia escrito que
- É a Suíça que, guardadas as devidas proporções, tem o maior número de mancos e outros doentes de toda Europa. Os cretinos podem ser contados aos milhares, mesmo caso para a Savoia, nos Pireneus, e quase todos os países montanhosos. Quaisquer que sejam a causa especial ou as circunstâncias diversas que predispõem ao cretinismo e à enfermidade do bócio, seja a falta de aeração das fontes, a ausência de iodo nas águas potáveis, a raridade da exposição solar, ou várias destas causas juntas, é certo que os idiotas e os boçais são mais frequentes nas sombras dos vales, dos montes do que na planície livre, iluminada pelo sol, aberta a todos os ventos, banhada pelos grandes rios.<sup>79</sup>
- 116 Seu objetivo não é, portanto, de estigmatizar, mas de remediar os problemas causados pela natureza. Ele rejeita, aliás, os determinismos rígidos fundados sobre a predestinação geográfica ou, como acredita Marx, sobre um determinismo econômico.
- 117 O aspecto obsoleto de uma distinção dos grupos por sua psicologia coletiva não deve nos esconder as descobertas. Seu interesse é o de nos oferecer fascinantes testemunhos, como esta gravura que representa “o jogo do lobo e do urso” em uma tribo indígena, prova de seu interesse pelo cotidiano e pelo lúdico.<sup>80</sup>
- 118 À sua maneira, Reclus utiliza etnótipos na perspectiva científica de seu tempo. Como a etnologia nascente, ele se interessa pela origem, pelo tamanho e pelos traços corporais distintivos de diversas populações, a cor da pele, a forma do crânio, a altura, a musculatura, as diferentes taxas de natalidade, de matrimônio e de mortalidade. É verdade que esta disciplina evoluiu muito, desde então, mas seria uma prova de ingenuidade fechar os olhos para o patrimônio genético sob o pretexto de que, por muito tempo, foi interpretado de maneira bastante arbitrária. É preciso acrescentar que, por seu estudo das doenças mais frequentes, ele figura como precursor.
- 119 O termo “raça”, que utiliza frequentemente, não teve o sentido explosivo do qual foi revestido a partir do século XX. Ele observa que alguns “Pele Vermelhas” são brancos e que seu rosto se colore com a exposição ao sol ou com a idade. Ele destaca um problema que lhe parece crucial: a humanidade só pode se enriquecer por meio da mistura das raças. Reclus multiplica os exemplos e tenta localizar nos Estados Unidos alguns sinais precursores. De fato, em seu estudo sobre a União americana, os clichês são muito raros.
- 120 Podemos pensar que Reclus, apóstolo da paz entre os povos, tenha voluntariamente combatido a classificação hierárquica das raças e das nações e procurado traços positivos em todos os grupos que examinou. Sua tipologia não deriva somente do caráter étnico, fatores culturais e sobretudo econômicos também são relevantes:
- Sem querer estabelecer estatísticas precisas, ainda podemos tentar classificar a população dos Estados Unidos por grandes massas, correspondendo a certa divisão do trabalho no conjunto da nação.<sup>81</sup>
- 121 Reclus ressitua cada coletividade em seu meio biológico e social do qual é o indício, o que implica uma pesquisa sobre a antiguidade do grupo, sua origem, o espaço que ocupa. Ele atribui uma importância crucial à influência do meio ambiente sobre as populações. Este olhar voltado para o indivíduo e para o povo, jamais separados de suas características biológicas, remete ao vínculo do homem com a natureza, à sua interpenetração, eu diria, ao “holismo”.

- 122 O respeito atencioso que ele tem pelas diversas minorias não deixa de surpreender o leitor contemporâneo. Assim, enquanto só a partir de 1960 os Negros da América foram designados pelo termo “afro-americanos”, nos surpreendemos ao encontrar a expressão neste capítulo. Ainda aqui, o geógrafo foi às fontes:

Os cidadãos de origem africana rejeitam este termo ‘negros’, em geral utilizado com uma acepção ruim, e preferem designar-se, tanto os negros puros quanto os de sangue misturado, sob o termo coletivo “pessoas de cor”. No entanto, a expressão afro-americanos, que dá conta de sua dupla origem, do universo de seus ancestrais e de seu próprio, é empregado já há alguns anos, o mais comumente em seus jornais e congressos.<sup>82</sup>

- 123 Para além da “psicologia” de um grupo e dos estudos de população, Reclus se interessa também pelas estruturas coletivas. Ele descreve as composições familiares, tribais, étnicas, sociais e culturais. Ele passa em revista os ritos de nascimento, de educação, de casamento e de morte, as roupas e as arquiteturas. Ele apresenta igualmente ao leitor seu caráter, suas ideias e crenças, bem como suas relações com outras coletividades.
- 124 A geografia religiosa, tão raramente abordada, também tem lugar neste estudo, e o autor também soube localizar o neo-budismo e mesmo o fenômeno muito raro do livre pensamento:

Outro monumento célebre é uma escola de 120 a 150 órfãos, templo coríntio de vastas dependências: ele é denominado Girard College, em memória de seu fundador, negociante da região de Bordeaux, que deixou 10 milhões de francos, terras e casas na cidade da Filadelfia, onde havia feito fortuna. Uma cláusula da doação impedia a qualquer padre, missionário ou ministro de qualquer seita a direção, administração ou mesmo a entrada no colégio tão liberalmente dotado.<sup>83</sup>

### A memória dos Franceses

- 125 Outro aspecto deste trabalho não parece ter sido observado: trata-se de uma coletânea das últimas lembranças coletivas dos franceses instalados na América desde a época colonial. A nação, é verdade, se desinteressa pelo destino de seus emigrados, e seus historiadores enterraram estas centenas de anos de presença em solo americano. É preciso reler Reclus para encontrar os locais familiares da época, como Kaskaskia ou Saint-Louis.<sup>84</sup> E, ao contrário de muitos americanistas ou americanófilos, ele não esqueceu nenhum traço da presença francesa neste continente, sem contudo sucumbir às armadilhas de um nacionalismo chauvinista.<sup>85</sup>

### Os desenvolvimentos internos ao país

- 126 As fontes dos problemas não são somente étnicas, são também industriais e históricas:

Nossos contemporâneos dos Estados Unidos têm estes grandes problemas a resolver, sem contar aqueles que apresentam todos os países industriais, por conta da antinomia entre capital e trabalho. A terrível guerra que ensanguentou o solo americano durante quatro anos só afastou parte dos perigos, e podemos temer que outros conflitos não menos formidáveis se produzam entre tantos elementos hostis. Seja como for, não poderíamos duvidar do grande futuro desta fração tão enérgica da humanidade que se apoderou do espaço do Novo Mundo... e que, ao longo de somente um século, tornou-se a mais poderosa e rica de todas as nações.

- 127 Reclus ficou declaradamente impressionado com o rápido desenvolvimento da jovem nação que descreve longamente. Retenhamos somente uma questão: ele se autocensurou?

- 128 Ele que, em 1866, escrevera que “o ar das cidades está carregado dos princípios da morte”, descreveu de modo instigante os abatedouros de Chicago, mas seus termos moderados contrastam por sua sobriedade com aqueles do célebre romance de Upton Sinclair, que aparecerá alguns anos mais tarde:

Os imensos parques de gado (*stockyards*) recebem por ano até dez milhões de cabeças, alimentadas com os produtos das destilarias, em seguida, enviadas a vastos estabelecimentos nos quais o trabalho, em grande parte mecânico, é feito com uma precisão impressionante: os animais, ainda na entrada, são presos por um nó que corre por um trilho, suspensos pela pata em um triângulo de ferro e deslizam em direção à faca do açougueiro: o sangue escorre e vaza sobre uma prancha inclinada, ao passo que os cadáveres prosseguem sua marcha em direção à escada e ao esfolamento, até o local onde um machado abate a cabeça e os membros; aqui o itinerário se bifurca. Cada parte do animal, a carcaça, as carnes, a gordura seguem seu caminho respectivo e, a cada etapa, grupos de operários especiais lhes aplicam preparados que as aproxima do estado definitivo: dez mil cabeças são, no espaço de poucas horas, estocadas sob a forma de conservas. Estes açougues entregam anualmente ao comércio 500 mil toneladas, o equivalente a um milhão de carnes em lata, por um bilhão de francos.<sup>86</sup>

### A leitura política

- 129 A literatura francesa do século XIX interessou-se pela dimensão política dos Estados Unidos. Um grande estudo foi particularmente influente: *A democracia americana*, de Alexis de Tocqueville, já que os meios letrados e as classes dirigentes substituíram, a partir de então, uma leitura política pelo modelo filosófico da história. A República americana serviu até mesmo de referência alternativa aos opositores do Segundo Império.
- 130 Reclus, que esteve naquele país dez anos após Tocqueville,<sup>87</sup> inaugura seu livro com uma reflexão sobre o bom uso das palavras. Começa criticando o modo como o país se designa e, portanto, se vê. Em primeiro lugar, a expressão “Estados Unidos”, escreve Reclus, é imprópria, porque também poderia ser aplicada ao México. Em segundo lugar, dizer simplesmente “the States” é considerar “que não existem outras potências às quais este título poderia convir”. Enfim, por último, utilizar a palavra “América”, sem cerimônia, é negar este direito aos demais Estados do Novo Mundo.<sup>88</sup> Esta última crítica, de bom senso, foi frequentemente retomada pelos latino americanos. E, para Reclus, a escolha destes termos revela uma nação dotada de uma vontade de potência ilimitada, sem consideração por seus vizinhos.
- 131 Mais tarde, na obra prima na qual se exprime com menos censura — a saber, nos seis volumes de *L’Homme et la Terre*, ele será mais mordaz. Sua descrição do episódio mítico dos “pais peregrinos” mereceria figurar em uma antologia:

Animada do mesmo espírito, uma “sociedade” de professores, jornalistas, diplomatas e banqueiros patriotas havia sido fundada para constituir uma ordem, tendo como modelo a Companhia de Jesus, que teria por único objetivo aumentar a força e o prestígio da Grã Bretanha, como os Jesuítas se esforçavam em trabalhar pela dominação da Igreja: tratava-se de reconstruir a “cidade de Deus” em proveito dos ingleses, seus eleitos. Evidentemente, as colônias de língua inglesa, Alto Canadá, o Cabo, Australásia, faziam parte da grande confederação projetada; mas, por outro lado, o ramo mais potente do que chamamos tão erroneamente de raça “anglo-saxã”, a república dos Estados Unidos, devia entrar na linha pan-britânica, já que os cidadãos que a compõem também falam a língua inglesa. No entanto, uma questão das mais espinhosas se colocava rapidamente para os membros da liga: “A quem pertence a hegemonia na posse do mundo? Aos ingleses ou aos americanos?”.

132 *A Nouvelle Géographie Universelle* responde à esta questão desde seu primeiro mapa. Seu título: “Crescimentos sucessivos da potência norte-americana”. Ela revela a extensão real dos territórios adquiridos: a Lousiana, bem maior que o estado de mesmo nome, as usurpações sobre o México, que lhe valeram o Texas, o Novo México, vertentes do Colorado, do platô de Utah, mais a compra da Califórnia e de uma outra parte do território ao sul do rio Gila. Vê-se aí também o que raramente aparece: os territórios cedidos pela Grã Bretanha e mesmo, em 1872, o arquipélago de San Juan.

133 Nossa geografia não entoa, no entanto, a estrofe habitual sobre os Estados Unidos, “país único de destino excepcional”. Reclus jamais hesita em comparar as “especificidades” a fenômenos similares, a ponto de recorrer à história de longa duração. Por exemplo, o afluxo europeu em direção aos Estados Unidos é aproximado da invasão das nações da Ásia no Império Romano; ele evita cuidadosamente de tratar de bárbaros uns ou outros e empreende, assim, ao mesmo tempo, um discreto ajuste na memória coletiva, que só havia retido a lembrança dos “vândalos”. Por fim, quanto à missão da América no mundo, tal como já proposta pelo grande poeta Walt Whitman:

[Ele] se pergunta se o profeta não engrandeceu demasiado seu povo, ao lhe conferir uma missão que, apesar de sua juventude e força, não saberia executar sozinho. Sem dúvida, a América, tardiamente incorporada às demais nações, é uma daquelas cujo exemplo será o mais útil e a parcela de ação mais ampla na obra coletiva; mas fora da solidariedade entre homens de todas as raças e de todos os continentes, a realização de algum progresso pode ser concebida?<sup>89</sup>

134 O jovem Reclus já havia escrito em 1857:

A absorção gradual do México e da América central — que sua configuração geográfica parece tornar eminente — longe de nos assustar, ao contrário, nos tranquiliza; já que os Estados Unidos perderão sua energia agressiva à medida que se estenderem sobre um território mais vasto e formarem uma massa politicamente menos compacta. As nações conquistadas não desaparecem do dia para a noite, elas continuam surdamente sua luta e ameaçam continuamente a existência do Estado poderoso que acreditou suprimi-los, ao lhes atribuir outro nome [...] Foi assim que a anexação da Louisiana, do Novo México, da Califórnia realmente enfraqueceu a república, ao aumentar seu território, porque ao mesmo tempo conferia uma energia nova à dissensão dos partidos [...] O princípio do destino manifesto sobre o qual falam tantos americanos do norte é verdadeiro, mas não exatamente como o compreendem, já que é seu destino manifesto jamais conquistar a América do Sul. É verdade, já que todas as civilizações devem penetrar umas nas outras, a América do Norte será *saxonizada*, mas à condição de *espanicizar* a América do Norte.<sup>90</sup>

135 Reclus destaca as resistências à criação de uma nação homogênea, resistências que, no passado, a Europa havia visto como um freio à emergência deste Estado:

Assim, os Estados Unidos têm inegavelmente em relação ao povoamento, dificuldades especiais para chegar a constituir a homogeneidade nacional, e estas dificuldades são ainda incrementadas pela diferença dos elementos étnicos em presença.

136 Estas dificuldades na governança, que ele imagina crescentes, o levam a examinar em detalhe as formas que assume no interior do país. Contentemo-nos em observar de que modo, bem informado sobre a influência de seu país sobre a República americana nascente, ele tira uma lição sobre o papel do urbanismo nas formas de governança. Ele cita o arquiteto francês l’Enfant, que concebeu os planos de Washington, a capital dos Estados Unidos, sobre a ideia de “distâncias magníficas”; estas últimas devem imprimir a ideia da majestade. Convite mudo a se contemplar a transcendência do poder, este



significado do espaço é apropriado e utilizado pelas autoridades estabelecidas. Assim, o espetáculo das distâncias convida um povo a reconhecer a grandeza daqueles que governa. O efeito de distância tem um papel na estrutura política e social, como vemos para a capital, mas trata-se de uma distância estabelecida pelo arquiteto; outros são o efeito do continente.

- 137 É evidente que, um século após Reclus, as informações que ele apresenta foram consideravelmente enriquecidas, particularmente em matéria de arqueologia, de conhecimento dos povos primevos, de situações econômicas, ecológicas e outras. Estamos distantes, no entanto, de ter explorado todos os universos que sua obra visitou. Se a perspectiva feminista abriu novos territórios, aquelas sobre a infância e a juventude parecem ainda inexploradas.

## À guisa de conclusão

- 138 Ao final desta pesquisa, fica claro que as longas caminhadas e o exílio do jovem Élisée Reclus marcaram seu olhar de geógrafo. Este fato evoca, guardadas as devidas proporções, a afirmação de Gilles Deleuze:

As grandes aventuras geográficas da história são linhas de fuga, ou seja, longas caminhadas, a pé, a cavalo ou de barco [...] é sempre sobre uma linha de fuga que se cria algo, não por que imaginamos ou sonhamos, mas ao contrário, porque aí se traça algo real, e se compõe um plano consistente.<sup>91</sup>

- 139 Este plano de consistência é construído sobre certo número de escolhas que, como vimos, giram em torno da ideia de harmonia e de equilíbrios sempre instáveis no universo e na anarquia. Estes diversos engajamentos colocam questões cada vez mais instigantes, de ordem social e epistemológica.
- 140 Antes de tudo, é preciso se indagar como anda atualmente a educação popular em matéria de geografia. Refletimos sobre as necessidades contemporâneas nesse domínio? Existem correntes sobre as quais nos apoiar? No momento em que, no mundo inteiro, desmantelam-se a educação pública e as universidades, para adaptá-las à nova ordem mundial, a ideia de um trabalho alternativo, fora das estruturas institucionais, é das mais urgentes. Se não quisermos cair novamente em uma nova forma de malthusianismo ou de darwinismo social, a revolução reclusiana nos convida a uma geografia que contrasta os grandes predadores internacionais em face de uma geografia da emancipação.
- 141 Questões antigas ou novas são colocadas aos cientistas. Convém utilizar a linguagem matemática ou misturar o vocabulário e os conceitos específicos das diversas disciplinas especializadas em seu objeto para apresentar fatos tão multidimensionais e complexos quanto aqueles estudados por Reclus? Uma forma de linguagem acessível ao maior número possível de pessoas não seria finalmente mais adequada, a despeito de suas imprecisões? O trabalho sobre os dados puramente virtuais dispensa um contato direto com a natureza? A era numérica na qual entramos não corre o risco de deteriorar nossa sensibilidade aos diversos fenômenos terrestres? Nosso olhar sobre os tsunamis, por exemplo, não corre o risco de ser moldado por informações das mídias e seu discurso de catástrofe? Ou também há a possibilidade de uma visão construtiva e mesmo estética nas relações com os diversos movimentos de nosso pequeno planeta? Enfim, uma teoria da complexidade não deveria incluir o olhar pessoal do pesquisador?

- 142 A distância que Élisée Reclus estabelece em relação aos postulados da geografia de seu tempo também convida à reflexão. Como lembra Deleuze, o ideal da ciência era axiomático ou estrutural, o geógrafo operando uma recodificação, um reordenamento.<sup>92</sup> Reclus, por sua vez, situa-se antes sobre os eventos, buscando o singular, as linhas do porvir, ao mesmo tempo criticando a sacrossanta lei do progresso, instrumentalizada nas lutas pela hegemonia:

Estes exemplos são suficientes para mostrar que a pretendida lei do progresso, determinando a transferência sucessiva do lar mundial por excelência no sentido do Oriente ao Ocidente, só tem um valor temporário, local, e que outros movimentos seriais prevaleceram em diversas regiões, seguindo a inclinação do solo e as forças de atração suscitadas pelas condições do meio. No entanto, é sempre bom lembrarmos a tese clássica, não somente por conta dos fatos que explicam seu nascimento, mas também porque ainda é reivindicada por uma ambiciosa nação do “Grande Oeste”, que clama por seus direitos à preeminência. Mas não se tornou evidente, para os membros da grande família humana, que o centro da civilização já está por toda parte, em virtude de milhares de descobertas e aplicações feitas a cada dia, aqui ou acolá, propagando-se rapidamente de cidade em cidade sobre todo o planeta?<sup>93</sup>

- 143 Os diversos distanciamentos de Reclus seriam indícios da criatividade científica? As ciências contemporâneas podem aceitar uma pluralidade de teorias, no momento em que certas regras de objetividade são mantidas e, neste caso, podem trabalhar em harmonia umas com as outras ao invés de uma concorrência egoísta entre cada escola de pensamento?
- 144 O vínculo visceral que Reclus testemunha na descoberta de cada ambiente leva portanto a uma argumentação naturalista. Ele tem como resultado uma mesologia, uma ciência dos meios ou antes uma filosofia “frouxa” das relações entre os conjuntos e suas partes. O tom estava dado, aliás, desde a primeira ilustração do primeiro número da publicação, que representava a Terra vista do céu.<sup>94</sup> Ela se fazia acompanhar por um convite à modéstia e à pesquisa:

A Terra não é senão um ponto no espaço, uma molécula astral; mas para os homens que a povoam, esta molécula ainda é sem limites, como no tempo de nossos ancestrais bárbaros.<sup>95</sup>

- 145 As relações de causalidade, assinatura da ciência, parecem à primeira vista ceder lugar a uma imprecisão artística

O que as nações devem à influência da natureza que as circunda? O que devem ao meio no qual habitavam seus ancestrais, a seus instintos de raça, a suas misturas diversas, às tradições importadas de fora? Não sabemos nada a este respeito...<sup>96</sup>

- 146 Lucien Febvre mostra a pertinência desta abordagem:

Nada de estrito, nada de rígido, nada de mecânico: uma vez mais, verifica-se que o acordo que se estabelece entre o globo e seus habitantes se compõe, ao mesmo tempo, de analogias e contrastes.<sup>97</sup>

- 147 Podemos pensar que esta prudência no estudo das causalidades abre a porta para as teorias mais contemporâneas sobre a complexidade ou o caos. Vimos que Reclus fala em *associação de forças*: força de uma nação como os Estados Unidos, força da associação entre pessoas, forças telúricas também e, como escreve Daniel Colson a propósito de Malatesta:

O projeto libertário ganha corpo no conjunto e na combinação infinitos de forças coletivas e, portanto, de todos os seres da natureza, aí incluídas as “forças telúricas” das quais nos fala Élisée Reclus, “os continentes e as ilhas que surgiram das profundezas do mar e do próprio Oceano, com seus golfos, seus lagos e rios, todas as

individualidades geográficas da Terra em sua variedade infinita de natureza, de fenômenos e de aspecto que trazem as marcas do trabalho incessante das forças sempre atuantes para modificá-las.<sup>98</sup>

- 148 A realidade questiona Reclus pelo filtro de sua anarquia. Ele julga estéril um trabalho de pura constatação e estreitamente encerrado em uma especialização. Ele procura antes questionar seu campo de observação para criar uma geografia dos possíveis do que impor modelos ou ideologias.
- 149 No momento em que nosso planeta revela seus limites, no qual o espaço se reduz, mas as populações se misturam mais do que nunca, abrindo caminho para novas complexidades, Reclus, o geógrafo anarquista, continua a interpelar aqueles que trabalham para uma geografia que também abra espaço para a cólera, a compaixão e as esperanças.

## BIBLIOGRAFIA

### Publicações de Élisée Reclus relativas aos Estados Unidos

#### Viagem à Nova Orleães

"Fragment d'un voyage à La Nouvelle-Orléans, 1855," *Tour du Monde* I (1er semestre).

#### Ecrits sur la Guerre de Sécession

##### 1860

► [Resenha] "De l'esclavage aux États-Unis. I. Le Code noir et les esclaves," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 30 (15 déc. 1860), 868-901.

##### 1861

► [Resenha] "De l'esclavage aux États-Unis. II. Les Planteurs et les abolitionnistes," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 31 (1 janv. 1861) p. 118-15

► "Le coton et la crise américaine," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 37 (1 janv. 1862), p. 176-208. Extrait s.l.n.d. In-8°, p. 176-208. ((Bibl. Nat. de France) : 8° S 15525)

► [Resenha] "Les Livres sur la crise américaine," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 42 (15 nov. 1862) n° 2, p. 505-512.

► [Resenha] "Les Noirs Américains depuis la guerre [civile des États-Unis], Les partisans du Kansas. Les Noirs libres de Beaufort," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 44 (15 mars 1863) p. 364-394.

► [Resenha] "Les Noirs Américains depuis la guerre. 2. Les plantations de la Louisiane. Les régimes africains. Les décrets d'émancipation," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 44, (1 avr.) p. 691-722." Un ex. n.p., 1863. (Harvard Widener : US 10760.6)

##### 1864

► [Resenha] "Un écrit américain sur l'esclavage," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 50 (15 mars 1864) p. 507-510.

► [Resenha] "La commission sanitaire de la guerre aux États-Unis," *La Revue des Deux Mondes*, Vol. 51 (1 mai 1864) p. 155-172.

▶ " Histoire de la guerre civile aux États-Unis ; Deux années de la grande lutte américaine ," *La Revue des Deux Mondes*, Vol. 53 (1 oct.) p. 555-624. Extrait s.l. n.d. In-8°, paginé 556-624

#### 1865

▶ [Resenha] « Histoire du peuple américain, par Auguste Carlier ," *Bulletin de la Société de géographie de Paris*, 5° série, vol. 19 (fév. 1865) p. 143-164.

#### 1866

▶ *Histoire des Etats américains. États-Unis...* [Élisée Reclus] (S.l.n.d.) In-8°, paginé 646-788. (Bibl. Nat. de France) : « Annuaire des Deux Mondes. Livre 7e. Race anglo-américaine. - Extrait de *La Revue des Deux Mondes* », 1866). Cote : 8° Pb. 5569. Décrit les dernières années de la guerre et la fin des hostilités.

#### 1867

▶ « John Brown, » *Coopération* du 30 juin 1867.

#### Autres écrits sur les Etats-Unis

#### 1859

▶ " Le Mississipi. Études et souvenirs." (va jusqu'à Chicago in Paul Reclus, *Les frères...* p. 28)

▶ " 1. Le cours supérieur du fleuve." *La Revue des Deux Mondes*, T. 1 Vol. 22 (15 juil. 1859) p. 257-296

▶ " 2. Le delta et la Nouvelle-Orléans," *La Revue des Deux Mondes*, T. 2 Vol. 22 (1 août 1859), p. 608-646.

#### 1861

▶ [Resenha] "Le Mormonisme et les États-Unis ," *La Revue des Deux Mondes*, Vol. 32 (15 avr. 1861) p. 881-914.

#### 1863

▶ [Resenha] "Report on the Physics and Hydraulics of the Mississippi [sic] River... by Captain A. A. Humphreys and Lieutenant H. L. Abbott...," *Bulletin de la Société de géographie*, 5° série, vol. 5 (fév. 1863), p. 126-161.

#### 1864

▶ Préface de l'ouvrage de George Walker, *La dette américaine et les moyens de l'acquitter*. Paris : E. Dentu. 32 p.

#### 1877

▶ " La Grève d'Amérique ," *Le Travailleur* Vol. 1 (sept. 1877) n° . 5, p. 6-16. (Bibl. Nat. de France) 8° R. 28430 [S.l.n.d. In-8°, paginé 6-16].

#### 1878

▶ "La Passe du Sud et le port Eads dans le delta mississippien," *Revue lyonnaise de géographie*, vol. 1 (12 janv. 1878), b° 3 p. 145-149. ((Bibl. Nat. de France) : 8° Pb. 5564

#### 1890

▶ [Notice pour la carte physique de l'Amérique du Nord (Grand Atlas Schrader, Hachette, 1890). Élisée Reclus.] S.l.n.d. In-8°, 9 ff. n. ch., cartes. (Bibl. Nat. de France) : 8° P. 1310.

#### 1892

▶ *Nouvelle géographie universelle. La Terre et les hommes. Tome XVI. Les États-Unis*

**1895**

► "Review: Recent Books on the United States," *The Geographical Journal*, Vol. 6, No. 5. (Nov., 1895), pp. 448-453.

**1899**

► [Resenha] "E. W. Sikes, The Transition of North Carolina from Colony to Commonwealth," *L'Humanité nouvelle* vol. 5 (10 juil. 1899) N°. 25 p. 126-127.

**1900**

► [Resenha] "Th. Bentzon [pseud. de Thérèse Blanc], Notes en voyage. Nouvelle-France et Nouvelle-Angleterre," *L'Humanité nouvelle*, vol. 6 (mai 1900) n° 35 p. 617.

**1903**

► [Resenha] "J. W. Powell, Annual Report of the Bureau of American Ethnology (1897-1898), part I," *L'Humanité nouvelle*, vol. 9 (août 1903) n° 50 p. 442-445.

**1906**

► *L'Homme et la Terre* Tome VI pp. 79-116 et passim.

## NOTAS

1. "Fragment d'un voyage à la Nouvelle-Orléans, 1855." *Le Tour du Monde* vol. I, No. 12 (186) pp. 177-192. Um exemplar na Bibliothèque Nationale, cote 4° Pb. 5566; "La Nouvelle-Orléans", *Les Cahiers Élisée Reclus*, No. 23 (avr.1999). Há uma bela tradução em inglês, por John Clark e Camille Martin, *Élisée Reclus. A Voyage to New-Orleans*. Thetford, Vermont: Glad Day Books (Revised and Expanded Edition), 2004, com uma introdução e as ilustrações originais. O historiador Gary S. Dunbar não encontrou nenhum traço deste navio nos jornais da Louisiana; Gary S. Dunbar « Élisée Reclus in Louisiana » *Louisiana History: The Journal of the Louisiana Historical Association*, Vol. 23, No. 4 (Autumn, 1982), pp. 341-352. Reclus chegou nos Estados Unidos no final de 1852 ou no início do ano seguinte, cf. *Eliseo Reclus. La vida de un sabio justo y rebelde*. Barcelona (Biblioteca de la Revista Blanca, n.d. p. 104).
2. Mais tarde, Reclus, como Marx, analisou a Comuna de Paris (mas foi também um de seus atores).
3. O conjunto dos escritos de Reclus sobre a Guerra de Secessão é mencionado ao final deste artigo.
4. Élisée Reclus, *Nouvelle Géographie universelle : la Terre et les Hommes*, Paris : Librairie Hachette et Cie., 19 vols. (1876-1894). T. 16, p. 817. Edição inglesa : Élisée Reclus, *The Earth and its Inhabitants, North America* / by Élisée Reclus ; edited by A.H. Keane. Published : New York : D. Appleton, 1890-1893. 3 v. : ill., maps ; 28 cm. Contents : v.1. British North America -- v.2. Mexico, Central America, West Indies -- v.3. The United States.
5. Georges Roques, « Élisée Reclus géographe : un héritage encore virtuel », *Réfractons* , N° 4 (automne 1999). <[http://melior.univ-montp3.fr/ra\\_forum/fr/roques\\_georges/heritage\\_reclus.html](http://melior.univ-montp3.fr/ra_forum/fr/roques_georges/heritage_reclus.html)>. Este artigo enumera também alguns aportes importantes de Reclus, destacados por geógrafos não franceses.
6. Philippe Pelletier, *Élisée Reclus, géographie et anarchie*. Les Editions libertaires, 2009.
7. Medalha de ouro da prestigiosa Société Royale de Géographie de Grande-Bretagne, ele apresentou uma comunicação em 2 de abril de 1903. Seu contemporâneo, Patrick Geddes, incluía Reclus na linhagem dos grandes trabalhos sintéticos redigidos desde o século XVIII, da *Histoire naturelle* de Buffon a o *Cosmos* de Alexandre von Humboldt; cf. Patrick Geddes, « A Great

Geographer : Élisée Reclus, » in Joseph Ishill ed., *Élisée and Elie Reclus. In Memoriam*. The Oriole Press, 1927, pp. 151-158. Uma enciclopédia suíça publicada em 1948 considera Reclus como um dos fundadores da geografia moderna ; ver *Schweizer Lexicon*. Zurich : Encycloios-Verlag, 1948, t. VI, art. « Reclus ».

Sobre as opiniões de Vidal de la Blache, um dos fundadores da Escola Francesa de Geografia, ver Carta de Vidal de la Blache a Jean Brunhes, em 1908, citada em M. Sivignon, *Hérodote*, No. 117 p. xx ; seu genro, Emmanuel de Martonne, outra figura importante desta escola, ousava escrever que não havia nada antes de Vidal de la Blache : cf. Georges Roques, « Élisée Reclus géographe : un héritage encore virtuel », *Dans la Marge. Geographica*, 1 novembre 2004.

Para Marx, « os irmãos Reclus são ilustres desconhecidos no que diz respeito às obras socialistas ».cf. Marx, carta à Bracke, 20-11-1876, in *Sotchinenia* (ceuvres en russe), 2e éd., t. 34, p. Engels trata Reclus como um simples compilador, politicamente confuso.

8. Citado em Élisée Reclus, *An Anarchist on Anarchy*, 1884. A citação foi feita por par Benjamin R. Tucker, que menciona somente que ela foi extraída do jornal *The Press*, de Providence, R.I.

9. André Meynier, *Histoire de la pensée géographique en France (1872-1969)*. Paris : PUF, 1969.

10. Tom Steele, « Élisée Reclus et Patrick Geddes, géographes de l'esprit, » *Réfractons*, No. 4 (Automne 1999).

11. John S. Bums, « Chaos Theory and Leadership Studies: Exploring Uncharted Seas, » *Journal of Leadership & Organizational Studies* 2002; 9; 42, citação p. 43.

12. Élisée Reclus [resenha da obra de G.P. Marsh, *Man and Nature*] « L'Homme et la nature : De l'action humaine sur la géographie physique », *La Revue des Deux Mondes*, vol. 54 (1 déc. 1864) p. 766. O tema da harmonia, que esboçamos aqui, mereceria um estudo mais aprofundado, particularmente visando perceber de que modo o pensamento de Reclus sobre este assunto evoluiu. Em sua última obra, *L'Homme et la Terre*, t. vi, p. 507 ele menciona « teorias que explicam a formação dos mundos por uma evolução lenta, uma emergência gradual, de coisas fora do caos primitivo. » Ele conclui assimilando o progresso a essas emergências.

13. Ibid.

14. Reclus, *La Terre. Description des phénomènes de la vie du globe*, Paris : Hachette, 1868-1869. 2 vol. Citação t. II p. 619. (L. Febvre atribui erroneamente este texto à *la Nouvelle Géographie universelle*).

15. Meus agradecimentos à senhora Danièle Haas que me sugeriu esta possibilidade. Ver também a observação de G. Roques sobre o equilíbrio de forças opostas, em referência a Proudhon. Georges Roques, « Élisée Reclus géographe. Un héritage encore virtuel, » *Réfractons*, n° 4 (Automne 1999).

16. Também podemos pensar, mas este não é o assunto deste artigo, que Reclus percebe a anarquia do mesmo modo.

17. G. Roques, artigo citado.

18. *Nouvelle Géographie universelle*, t. I, pp. II-III (Grifos meus).

19. Cf. Paul Boino, « Plaidoyer pour une géographie reclusienne ». *Réfractons*, n° 4 (Automne 1999).

20. Tom STEELE, « Élisée Reclus et Patrick Geddes, géographes de l'esprit. Les études régionales dans une perspective globale. » Tradução de Claire Beauchamps. <<http://raforum.info/reclus/spip.php?article26>> (Consultado em 19/6/2011).

21. Sobre a personalidade e o estilo de Reclus, lê-se com prazer o número especial que lhe foi dedicado pela revista *Itinéraire*, (1998) n° 14-15, e as obras de Joel Cornuault, *Élisée Reclus, géographe et poète*. Eglise-Neuve d'Issac : Federop, c1995. 78 p., bem como os trabalhos mais recentes deste autor.

22. Entre as exceções, é preciso citar Alexandre von Humboldt, que teria influenciado Reclus em sua maneira de escrever, segundo o testemunho de seu amigo Kropotkin. Peter Kropotkin, « Obituary : Élisée Reclus, », *The Geographical Journal*, Vol. 26, No. 3. (Sep., 1905), p. 337-343.

23. A partir da Revolução de 1789 e até o final do século XIX, o Estado francês provocou a partida de grupos inteiros, por razões diversas e, por vezes, opostas ; Louis-Napoléon Bonaparte, pelo

decreto de 8 de dezembro de 1851, estabeleceu o princípio da deportação « indivíduos sob vigilância da polícia de elite » ; e, em 1872, a República baniu os partidários da Comuna de Paris. Estas populações heterogêneas suscitaram uma eclosão de ideias e textos cujo quadro geral ainda está por ser feito, pois se existem monografias sobre a emigração francesa, particularmente a de Sylvie Aprile, *Le siècle des exilés. Bannis et proscrits de 1789 à la Commune* (2010), também seria preciso ressuscitar o universo intelectual e político do conjunto da imigração política no seio de diversas metrópoles do Antigo e Novo Mundo. Contemporâneos de Reclus, podemos citar militantes do movimento social, como Louise Michel, mas também Jules Leroux, irmão de Pierre Leroux, que lança nos Estados Unidos *L'Etoile des pauvres et des souffrants* (1881-1883) ; Charles Malato, autor de *Les joyeusetés de l'exil* (rééd. Acratie, 2005) sobre os imigrantes franceses na Inglaterra. To dos estes exilados respresentam uma corrente cuja influência ainda carece de estudo, mesmo que não tenham marcado sua época com a mesma intensidade que o fizeram anteriormente Chateaubriand, Lamartine ou Madame de Staël no desenvolvimento do romantismo francês.

24. Que ele cita em « Fragment d'un voyage ». Aliás, é interessante notar que os anarquistas de fim de século não deixam de se interessar pelos romances de capa e espada. Ver, por exemplo, « Un Alexandre Dumas libertaire : Michel Zévaco », in <<http://raforum.info/spip.php?article3818>> [Consultado em 9 de julho de 2011].

25. Sobre a infância e as crenças de Reclus, ler as belas páginas escritas por uma de suas irmãs, redescobertas e publicadas por Federico FERRETTI, « Comment Élisée Reclus est devenu athée. Un nouveau document biographique », *Cybergeog : European Journal of Geography, Epistémologie, Histoire de la Géographie, Didactique*, article 493, disponibilizado em 16 de março de 2010, modificado em 18 de março de 2010. URL : <http://cybergeog.revues.org/22981>. Consultado em 24 de julho de 2011.

26. Blaise Pascal, *Pensées*, édition de 1671. XXII, « Connaissance générale de l'homme ». Jean-Jacques Rousseau, *Lettres à Malesherbes*, III. Élisée Reclus, *Nouvelle Géographie universelle*, t. I, p. II.

27. « Le Mississipi. Études et souvenirs » : « 1. Le cours supérieur du fleuve. » *La Revue des Deux Mondes*, T. 1 Vol. 22 (15 juil. 1859) p. 257-296 ; « 2. Le delta et la Nouvelle-Orléans, » *La Revue des Deux Mondes*, T. 2 Vol. 22 (1 août 1859), p. 608-646. Estes dois artigos são por vezes incorretamente datados pelos biógrafos.

28. « Fragment d'un voyage... » art.cit. ; "La Nouvelle-Orléans", *Les Cahiers Élisée Reclus*, No. 23 (avr.1999). Há uma bela tradução em inglês, por John Clark e Camille Martin, *Élisée Reclus. A Voyage to New-Orleans*. Thetford, Vermont : Glad Day Books (Revised and Expanded Edition), 2004, com uma introdução e as ilustrações originais. O historiador Gary S. Dunbar não encontrou qualquer vestígio da chegada deste navio nos jornais da Louisiana; Gary S. Dunbar « Élisée Reclus in Louisiana » *Louisiana History: The Journal of the Louisiana Historical Association*, Vol. 23, No. 4 (Autumn, 1982), pp. 341-352. Reclus chegou nos Estados Unidos ou no final de 1852 ou no início de 1853, cf. *Eliseo Reclus. La vida de un sabio justo y rebelde*. Barcelona (Biblioteca de la Revista Blanca, n.d. p. 104).

29. Prefácio de Edouard Charton, *Le Tour du Monde*, vol. I n.1 (février 1860).

30. Se o relato do percurso transatlântico ainda espera por uma reedição em francês, acompanhada por um cuidadoso comentário, a estadia na Louisiana foi objeto do estudo memorável de Gary S. Dunbar, *Élisée Reclus, Historian of Nature*. Hamden, Conn. : Archon Books, 1978.

31. Cf. Antonio Damasio, *Descartes'error. Emotion, Reason, and the Human Brain*, 1994.

32. Victor Hugo, *Les Travailleurs de la mer*, 1866, 2<sup>e</sup> partie, II, X (Gallica, document électronique, édition de Paul Meurice, Ollendorff, 1911).

33. Élisée Reclus. « De l'action humaine sur la géographie physique : l'homme et la nature, » *Revue des Deux Mondes* (1 décembre 1864), p. 768.

34. Reclus, *La Terre. Description des phénomènes de la vie du globe*, t. II ch. III « La Terre et l'homme » Paris : Librairie Hachette et Cie, 1881, p. 621-622.

35. Élisée Reclus, « De l'action humaine sur la géographie physique », *Revue des Deux Mondes* (1 déc. 1864) p. 762.
36. «Géopoétique: considérations premières de Kenneth White», <[http://www.geopoetique.net/archipel\\_fr/institut/introgeopoetique/index.html](http://www.geopoetique.net/archipel_fr/institut/introgeopoetique/index.html)> consultado em 19 de maio de 2011. Kenneth White também escreveu o prefácio da obra de Hélène SARRASIN, *Élisée Reclus ou la passion du monde*, 2004.
37. « Talvez nos devêssemos ter permitido [...] algumas dúvidas sobre o valor de certas ideias místicas. » É interessante observar que, após ter mencionado elogiosamente seu mestre Ritter, que declarava que a natureza é um corpo cuja humanidade é a alma, ele próprio escreveria: « O homem é a natureza tomando consciência de si própria ». Desse modo, ele abandonou a palavra « alma », demasiado vinculada à metafísica e à religião, por um termo como « consciência », que ele tem a audácia de vincular à natureza. Cf. Élisée Reclus, [Compte-rendu de l'ouvrage de G.P. Marsh, *Man and Nature*] « L'Homme et la nature : De l'action humaine sur la géographie physique », *La Revue des Deux Mondes*, vol. 54 (1 déc. 1864) p. 766.
38. Notemos também que, com frequência, Reclus fala mais em anarquia do que em anarquismo. Por exemplo, em seu artigo " L'évolution légale et l'Anarchie, " *Le Travailleur*, Genève, vol. II (janv. fév.1878) N° . 1 p. 7-14.
39. RECLUS Élisée, *Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes et autres textes*, Joël Cornuault (éd.), 2002. Ver também, de Joël CORNUAULT, *Élisée Reclus, étonnant géographe*, 1999.
40. Mr. Mackinder, Mr. Ravenstein, Dr. Herbertson, Prince Kropotkin, Mr. Andrews, Cobden Sanderson, Élisée Reclus, « On Spherical Maps and Reliefs : Discussion, » *The Geographical Journal*, vol. 22 No. 3 (Sept. 1903), p. 298 : « I speak here, not as a geographer, but as an artist ».
41. « Fragment d'un voyage... » p. 186.
42. « Fragment d'un voyage... » p. 187.
43. Reclus só mencionará os Cajuns mais tarde, em seus artigo sobre os produtores rurais nos Estados Unidos, E. Reclus, "De l'esclavage aux États-Unis. II. Les Planteurs et les abolitionnistes," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 31 (1 janv. 1861) p. 151.
44. Jacques Marie Anselme Bellegarrigue (23 março de 1813, em Montfort [departamento do Gers] – final do século XIX) é o autor de um romance, *Le Baron de Camebrac, en tournée sur le Mississippi*, publicado em *La Liberté de penser*, n°43, junho 1851, e de um ensaio *Les Femmes d'Amérique* (Paris, Blanchard, 1853). Joseph Déjacque (1822-1864), operário estofador, publica em New York *Le Libéraire*, no qual figura sua utopia, « L'Humanisphère ».
45. Há também um enclave alemão. Gary S. Dunbar narrou esta estadia no artigo anteriormente citado e em uma obra dedicada à biografia de Reclus.
46. Alexandre Septime Fortier (17 de maio de 1816 - 13 de agosto de 1898) ; Félicité Emma Aime (26 de fevereiro de 1823 – 1º de dezembro de 1905) ; Gabriel Valcour Aime (1797-1867) ; André Bienvenu Roman (governador de 1831 a 1836 e de 1839 à 1844). Informações encontradas em <http://www.la-cemeteries.com/Maps/Orleans/Pics/StLouis3Cemetery-OR45/OR45Pics1.htm>, <http://www.eatel.net/~meme/HomeInfo.html>, <http://familytreemaker.genealogy.com/users/c/a/u/Caroline-Caufield/WEBSITE-0001/UHP-0067.html> et <http://climbingthebranches.blogspot.com/> (consultadas em 17/07/2011).
47. « Fragment », art. cit. p. 190.
48. « Fragment », art. cit. p. 189-190.
49. Serge Gavronsky, "American Slavery and the French Liberals an Interpretation of the Role of Slavery in French Politics During the Second Empire", *The Journal of Negro History*, Vol. 51, No. 1 (Jan., 1966), pp. 36-52. Barbara KARSKY, "Les libéraux français et l'émancipation des esclaves aux États-Unis, 1852-1870," *Revue d'histoire moderne et contemporaine* 21 (oct.-déc. 1974) 575-590.
50. K. Marx, « The American Question in England, » *Herald Tribune*, New York (11 de outubro de 1861) ; id. « Der nordamerikanische Bürgerkrieg, » *die Presse*, London, 20 Oktober 1861.
51. *Die Presse*, 26 e 27 de março de 1862.



52. William Henry Trescot, *The Position and Course of the South* (Charleston: Steam Power-Press of Walker and James, 1850), 8.

53. Friedrich Engels et Karl Marx : LA Guerre è aux Etats-Unis, *Die Presse*, 26 de novembro de 1861. Citação extraída do site <http://www.marxists.org/francais/marx/works/>, consultado em 20 de junho de 2011. As citações que se seguem provêm da mesma fonte.

54. « É na relação direta entre o proprietário dos meios de produção e o produtor imediato — relação esta que em cada caso corresponde naturalmente a um estágio determinado do desenvolvimento do procedimento de trabalho e de sua produtividade social — que encontramos o segredo íntimo, a base escondida de toda construção social e, conseqüentemente, da forma política da relação de soberania e dependência, em uma palavra, da forma do Estado ». Karl Marx, *Le Capital* Vol. III Chapter 47. La genèse de la rente foncière capitaliste. 2. A renda paga em trabalho < [http://www.marxists.org/francais/marx/works/1867/Capital-III/kmcap3\\_46.htm](http://www.marxists.org/francais/marx/works/1867/Capital-III/kmcap3_46.htm)> (Consultado em 20 de junho de 2011).

É importante observar que Marx não dirá jamais qual forma política está associada a uma determinada forma de exploração. Ele acrescenta, de fato: « O que não impede que a própria base econômica, ao menos em suas linhas essenciais, não possa apresentar na realidade variações ao infinito, devidas a incontáveis circunstâncias específicas, às condições naturais, relações entre raças, influências históricas etc., variações estas que somente podem ser compreendidas por meio da análise destas circunstâncias empíricas. » *Ibid*.

55. Karl Marx, « La Guerre civile nord-américaine », *Die Presse*, (25 octobre 1861).

56. Soizic ALAVOINE-MULLER, éd. Élisée Reclus : *les États-Unis et la guerre de Sécession. Articles publiés dans la Revue des Deux Mondes*. Les éditions du CTHS, 2007. Outra edição foi lançada pela Les Perséides, em 2010.

57. *La Revue des Deux Mondes* concede aliás amplamente a palavra aos antiescravagistas.

58. Philippe Roger, *L'Ennemi américain: généalogie de l'antiaméricanisme français*. Paris: Seuil, 2002.

59. E. Reclus, "De l'esclavage aux États-Unis. II. Les Planteurs et les abolitionnistes," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 31 (1 janv. 1861) p. 140.

60. *Ibid*. p. 142-143, 146, 152. De fato, sozinha, a Virgínia se juntou aos sulistas, e uma parte do Noroeste deste estado se dividiu, unindo-se aos nortistas.

61. E. Reclus, "Les Noirs Américains depuis la guerre [civile des États-Unis], 1. Les partisans du Kansas. Les Noirs libres de Beaufort," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 44 (15 mars 1863) p. 365.

62. E. Reclus, "De l'esclavage aux États-Unis. II. Les Planteurs et les abolitionnistes," *La Revue des Deux Mondes*, vol. 31 (1 janv. 1861) p. 136-137.

63. Este tomo de Reclus suscitou diversas resenhas. Particularmente, nos Estados Unidos, aquela de George C. Hurlbut, « Élisée Reclus on the United States, » *Journal of the American Geographical Society of New York*, vol. 24 (1892) pp. 379-390.

O leitor interessado completará este sobrevoos com a análise de Frédéric Douzet, « Élisée Reclus et l'Amérique, regard centenaire sur un pays neuf, » *Hérodote*, n° 117 (2° trimestre 2005), pp. 57-76, que situa esta obra em diversas problemáticas que concernem à geografia contemporânea. Cf. também a introdução de Mächler Tobar, em sua obra *Un nom confisqué. Élisée Reclus et sa vision des Amériques*, Paris, Éditions Indigo & Coté-Femmes, 2007. Meu agradecimento a Didier Giraud que me indicou esta obra.

64. René de Chateaubriand, *Atala, ou les Amours de deux sauvages dans le désert*, 1801 ; *Aventures du dernier Abencerage*, 1826 ; *Les Natchez*, 1827.

65. *Nouvelle Géographie Universelle* t. 16 p. 34.

66. *Id*. p. 57.

67. *Nouv. Geog. Univ.* t. 16, p. 55.

68. O nomadismo relativo dos caçadores-coletores era também uma prova, para os colonos, de que os índios eram inaptos a cultivar a terra.

69. *Id.*, p. 66.

70. Reclus, *L'Homme et la Terre*, vol. I, p. 132.
71. *Ibid.* vol. I, p. 258.
72. *Ibid.* vol. I, p. 284. Reclus também destaca o desaparecimento de várias destas línguas.
73. Élisée Reclus, [Compte-rendu] « Histoire du peuple américain, par Auguste Carlier », *Bulletin de la Société de géographie de Paris*, 5<sup>o</sup> série, vol. 19 (fév. 1865), p. 15.
74. *Ibid.* Uma visão geral pode ser encontrada em Arrell Morgan Gibson, « Americans and the Civil War, » *American Indian Quarterly*, Vol. 9, No. 4 (Autumn, 1985), pp. 385-410.
75. Ver Frederick W. Turner, *Beyond Geography: The Western Spirit Against the Wilderness*, Rutgers University Press, 1992.
76. N. S. Shaler, « The Summer's Journey of a Naturalist », I. *The Atlantic Monthly*, vol. 31, issue 188 (June 1873), cité in *Géographie universelle*, t. I, p. 89 [com um erro tipográfico, « Summer » tendo sido escrito « Sommer »].
77. NGU, t. 16 p. 178 et p. 88. Esta crítica foi feita por George C. Hurlbut, « Élisée Reclus on the United States, » *Journal of the American Geographical Society of New York*, vol. 24 (1892) pp. 379-390, citações p. 385 et 383. Suas observações não me parecem justificadas. No final do século XIX, a elite de Boston se imaginava oriunda da coxa de Jupiter. Quanto ao epíteto « pessoas de fígado branco », ele pode ser encontrado em vários jornais do Sul ; cf. *The Squatter Sovereign*, 12 juin 1855, 8 juillet et 16 septembre 1856, assim a informação segundo a qual os partidários da escravidão « atacaram com um grito que semeou o pânico entre os Yankees de fígado branco » Bertram Wyatt-Brown, *Southern Honor: Ethics and Behavior in the Old South* (New York: Oxford University Press, 1982), 72-73, aborda a questão do vínculo entre a coragem e a honra. No entanto, é preciso observar que a expressão designa antes a covardia que « o controle das emoções », como pensa Reclus.
78. Reclus, *Nouvelle Géographie universelle*, t. I, p. 90.
79. Reclus, *La Terre. Description des phénomènes de la vie du globe*, 1881 p. 640-641.
80. Ilustração em *Nouv. Geog. Univ.* T. 16, p. 47. Desenho de André Slomczynski, dit SLOM pintor e desenhista, a partir de uma fotografia. De origem polonesa, Slom participou da Comuna de Paris, foi condenado à morte, mas conseguiu chegar em Gênova. Trabalhou com Reclus em Vevey. Cf. « SLOM André Slomczynski, dit. Peintre, dessinateur, » *Cantieri biografico degli Anarchici in Svizzera*, <<http://www.anarca-bolo.ch/cbach/biografie.php?id=1679&PHPSESSID=fff009698834a265e1385eaddf432d60>> Consultado em 10/09/2011.
81. *Nouvelle Géographie universelle*, t. I, p. 88.
82. *Nouvelle Géographie universelle*, t. I, p. 689. Notar, no entanto, que Reclus também utiliza os outros termos.
83. Abaixo, p. 238. Stéphane Girard, filantropo francês da Filadélfia, era um livre pensador.
84. Eu me permito destacar a minha obra, *Cousins d'Amérique. Les Français des Etats-Unis* (Payot, 1988), infelizmente esgotada.
85. A página 77 do vol. 16, por exemplo, apresenta um mapa das primeiras colônias francesas do litoral, a dos huguenotes da “Flórida”, ou seja, da Carolina.
86. A citação é extraída de Reclus, « Du sentiment de la nature, » Texto de 1866, reproduzido na revista *Écologie politique* n° 5, inverno 1993, e reeditada pelos *Cahiers Libertaires* de la CNT de Pau. Texto gentilmente transmitido por M. Gérard Gonet-Boisson. Aquela sobre os abatedouros encontra-se em Reclus, *Nouv. Geog. Univ.* t. 16, pp. 418-421. Podemos imaginar que nosso vegetariano, sensibilizado diante da morte dos animais, tenha preferido abster-se da visita aos locais, se contentado em ler a respeito.
87. *Nouvelle Géographie universelle*, t. I, p. 1-2.
88. Autor de uma obra de referência, *De la démocratie en Amérique*. Paris : C. Gosselin, 1835-1840. 4 vol.
89. *Nouvelle Géographie Universelle*, t. 16 p. 105-106.
90. “Nouvelle-Grenade”, *L'Union*, New Orleans, v. 1, n° 191, 11 August 1857, p. 3.

91. G. Deleuze, in G. Deleuze, Claire Parnet, *Dialogues*, Flammarion (Champs), 1996, p. 164.
92. Deleuze, op. cit. p. 81-82.
93. *L'Homme et la Terre*, (1908) t. VI, p. 524.
94. *Nouvelle Géographie universelle*, t. I, p. 3
95. *Nouvelle Géographie Universelle*, t. I, p. 1.
96. *Nouvelle Géographie universelle*, t. I, p. 5.
97. *La Terre et l'évolution humaine, Introduction géographique à l'histoire*. Paris : Albin Michel, 1970 [1922], p. 194.
98. *L'homme et la Terre*, tome I, 1905, pp. II et 1. Daniel COLSON, *L'anarchisme de Malatesta*, Atelier de Création Libertaire, 2010. (souligné par D. Colson).
- 

## RESUMOS

De que modo as convicções íntimas influenciam a escrita de uma obra científica? Seu caráter “subjetivo” permite vencer os preconceitos do seu tempo e aqueles dos colegas para enriquecer o saber “objetivo” com um trabalho original? Estas questões incontornáveis são particularmente pertinentes em relação a Élisée Reclus. Deixado de lado pelos geógrafos franceses de sua época, admirado por outros, desacreditado por Marx, mas lido e traduzido em várias línguas, este geógrafo da emancipação social volta seu olhar ao mesmo tempo profissional e político para o grande teatro do universo. Seus estudos sobre os Estados Unidos, país que visitou por duas vezes e que discutiu ao longo de toda a sua vida, revelam a pessoa e sua marca sobre uma pesquisa fora dos cânones tradicionais. Esta relação íntima de um pesquisador com sua obra científica e o caráter revolucionário desta geografia reclusiana constituem um caso exemplar que explica o retorno do personagem e de suas questões na atualidade.

Comment les convictions intimes influencent-elles l'écriture d'une œuvre scientifique? Leur caractère “subjectif” permet-il de franchir les préjugés du temps et ceux des collègues, pour enrichir le savoir “objectif” par un travail original? Ces questions incontournables sont particulièrement pertinentes au sujet d'Élisée Reclus. Écarté par les géographes français de son époque, admiré par les autres, discrédité par Marx mais lu et traduit dans de nombreuses langues, ce géographe de l'émancipation sociale porte un regard professionnel aussi bien que politique sur le grand théâtre de l'univers. Ses études des Etats-Unis, pays qu'il a visité à deux reprises et discuté toute sa vie durant, révèlent la personne et sa marque sur une recherche hors des sentiers battus. Ce rapport intime d'un chercheur à son œuvre scientifique et le caractère révolutionnaire de cette géographie reclusienne constituent un cas exemplaire qui explique le retour du personnage et de ses questions dans l'actualité la plus brûlante.

## ÍNDICE

**Índice geográfico:** Estados Unidos

**Mots-clés:** Élisée Reclus, États-Unis

**Palavras-chave:** Élisée Reclus, Estados Unidos

**Índice cronológico:** 1830-1905